

# AVISO: É A GUERRA

É incrível como, pensando bem, as coisas são simples.

Por exemplo: tem gente que, depois de pensar e sofrer bem, achou que, do jeito que está, a situação das artes plásticas no Brasil não pode continuar. E, sempre pensando bem e sofrendo mais ainda, eles resolveram dar um grito de "basta!" (qualquer semelhança com um outro tipo de exclamação bastante semelhante é inteiramente intencional). Pois eles gritam "basta!", porque viram que tudo é muito simples de analisar, concluir e realizar. Essas gentes são os Rex, que me pedem comunicar, e eu comunico:

Considerando que não há locais (eles insistem em não chamar de galerias de arte esses locais que com esse nome por aí abundam, e os motivos se seguem) que tenham um objetivo determinado ou uma linha de conduta idem, ou seja, que se atenham a um movimento e não passem de um primitivo sofisticado hoje para uma poplhçada amanhã, ou de um pop autêntico hoje para um primitivo civilizado amanhã,

Considerando que isto mata qualquer movimento que irrompa, pois o artista — já não tendo galeria — também não tem representante comercial, o que faz com que ele se vire por conta própria, dependendo de oportunidades fortuitas e de acaso muito mais ocasionais do que a própria palavra sugere, dependendo de amizades influentes ou da influência de amigos, expondo hoje aqui, não sabe quanto tempo depois ali, alguns trabalhos dormindo no berço inútil dos acervos dos já supra-citados locais, arriscando mostrar suas figuras no ano que vem, depois das manchas de um coitado que as exibiu depois dos rabiscos de outro que há dois anos não mostrava nada, porque custou a oportunidade a chegar.

(É incrível como, pensando bem, as coisas são simples. Perceberam a dispersão de forças? Perceberam por que não há movimento



FALTA UM; MAS SEMPRE ESTÁ FALTANDO UM

que não tenha continuidade? Onde? Como?).

Considerando que a isto e aquilo se acrescenta a falta de informação por parte da chamada crítica especializada, que se compraz mais no trabalho de um repórter de artes do que de um crítico propriamente dito, já que as críticas são frequentemente incompreensíveis, raramente úteis para o artista e para o público, a quem, teoricamente, se dirigem.

Considerando que a isto, àquilo e àqueloutro se percebeu que a crítica não se renova, no sentido de que novos críticos não se formam, ou não se firmam, para constituir e divulgar a base teórica e informativa dos movimentos que se esboçam.

Considerando que a falta de informação é tão precária que, inintencionalmente, Rio e São Paulo se boicotam no vice-versa, não só porque não há troca de informações, mas também porque não há concretização de organização.

(Essa história de que brasileiro faz tudo na bossa ainda vai aca-

bar com o Brasil: que faz, faz. Mas podia fazer muito, muito mais. É preciso determinar com urgência em que medida a preguiça e a malandragem são componentes do subdesenvolvimento).

Considerando que praticamente não há livros, monografias, nem oficiais nem particulares, sobre artistas e movimentos de arte brasileira; considerando que nem o próprio colecionador tem auxílio por parte da imprensa aspas especializada aspas e dos locais comumente denominados de galerias de arte, para que se formem verdadeiras coleções de arte brasileira.

#### Que Rex são eles

Considerando que assim não vai, os Rex partem para a guerra contra este estado de coisas, a fim de não partir para o exterior, que é o último recurso para subsistir. E partem para a guerra com a corôa da visão clara das coisas (é incrível como, pensando bem, as coisas são simples); com a espada afiada da ação; sediados no cas-

telo sediado à Rua Iguatemi, 960, em São Paulo; tendo todos por rainha a mulher, assim, no geral, a mulher (ambicionando, claro, a mulher no particular, que mulher já é bom no geral, imagine no particular).

Pois considerando tudo isto, os Rex gritam de novo "basta!" e, como entre o primeiro e o segundo grito o tempo já passou, o segundo grito sai mais convicto; calçam a corôa; desembainham a espada (permite-se o jôgo imaginário da livre associação para os interessados); baixam a ponte levadiça, pois a guerra é justamente para levar muita gente para o castelo; osculam a rainha (depois de dar-lhe a segurança que só outras coisas igualmente osculáveis dão); avisam "É a guerra!";

E propõem:  
A tentativa de formação de um grupo com força para superar os sistemas viciados de seleção para exposições nacionais ou estrangeiras. Plano de ação?

Ei-lo, a quem possa interessar:  
1) organização de uma sala de

exposições, cujo nome será "Rex Gallery & Sons", à Rua Iguatemi, 960, São Paulo, que atenda a objetivos desde já definidos, os quais sejam:

2) exposições coletivas dos elementos do grupo, ou de elementos escolhidos sob a responsabilidade do grupo;

3) renovação contínua dos trabalhos expostos, para que o público vá sendo informado regularmente sobre as novas obras produzidas;

4) publicação periódica de um boletim, sendo este o primeiro, intitulado "Rex Time" (cuja pronúncia correta é "Rex Teem"), informando sobre as atividades do grupo, divulgando suas idéias, reproduzindo os trabalhos mais recentes, instruindo e divertindo o público leitor;

5) edição de monografias dos artistas do grupo;

6) realização constante de palestras na sala de exposições, palestras informais, claro, proporcionadas a grupos interessados e proferidas pelos próprios artistas;

7) tudo isto será possível, porque o grupo é uma cooperativa, e de qualquer obra vendida será extraída uma porcentagem para a formação de um fundo, que reverterá para a edição do boletim e das monografias, para a conservação e limpeza do castelo, além de coisas mais mezinhas, tais como para manter a espada afiada, a corôa pronta para qualquer emergência em que o respeito se faça impôr, a ponte levadiça azeitada, já que — vale repetir — se pretende levar muita gente para lá. (A rainha continuará a depender de fundos particulares outros).

#### Depois da corôa, a panela

É mais uma panela que se forma? Claro que sim. Mas leva sobre as outras a vantagem de poder utilizar também, com tôdas as honrarias, o nome de movimento. Além de ter, diferente das outras, a boca mais larga, o fundo mais

atendam sem falta a inauguração da já memorável

# REX GALLERY & Sons.

(Galeria Rex)

especialistas em

## Arte de Vanguarda

em São Paulo.

3 de junho de 1966 • Rua Iguatemi 960

às 9 nove horas da noite

# AVISO: É A GUERRA

acolhedor, o material mais resistente ao fogo da inveja, da inutilidade, da fúria, da fofoca. É uma panela com uma peneira ajustada automaticamente sobre a boca, para impedir a entrada de impetuosas que acabem por entornar o caldo.

Vencerão os Rex? A base da qual eles partem para a luta é boa, sólida, firme. Eles sabem o que querem e conhecem o jogo do inimigo. Entram na guerra com propósitos honestos, expondo as regras do combate. Quaisquer propósitos ou recursos desonestos de que o inimigo lance mão para destruir os Rex, poderá não derrotá-los, mas afastá-los. E quem perde com isso, mais uma vez, é a arte brasileira.

Minha opinião? Mesmo na derrota, eles saem com a vitória, porque sua atitude é muito contemporânea: primeiro, porque morreram de se divertir fazendo tudo isso; segundo, porque partido o esquema ao meio, i.é., não conseguindo o que querem, partirão para o exterior onde, pelo menos no campo das artes, as coisas andam muito mais criativas e organizadas, condições fundamentais para que a arte continue a ser arte.

Fora disso, e como último truque, presenteio os Rex com um slogan imortal, que os conservará para sempre ativos e criativos: "The Rex is dead. Long live the Rex."

Thomas Souto Corrêa



## EXPLODIU O DEMOGRÁFICO: ATINGIDOS 20 BILHÕES DE NÚCLEOS HABITACIONAIS

continuação da página 4

encarar o futuro: em 15 anos, teremos duplicado (teremos, porque realmente é uma obra muito nossa, nos seus aspectos conscientes e inconscientes) a população da terra; em 60 anos, 20 bilhões de habitantes.

A concentração habitacional se fará em grandes centros, de elevada densidade demográfica, resolvida por um urbanismo de tendência basicamente vertical. É fácil imaginar que o crescimento constante do próprio problema, fundamentado em nossas primeiras observações, acarretará outros problemas, e a mobilidade e maleabilidade das coisas (no seu sentido geral, de coisas, mesmo) levará o homem a construir suas unidades habitacionais com material fácil e rapidamente industrializável. Mas não só: replicável também.

As mesmas características definirão os objetos úteis das habitações (como, de resto, definirão também todos os objetos úteis ao homem). Duas categorias dividirão os objetos: os que nunca se estragarão (que serão para sempre conservados) e aqueles que, uma vez estragados ou inutilizados, possam ser facilmente refabricados, reabsorvidos pela nova então vida cotidiana.

Encaixam-se no primeiro grupo os objetos cujo uso não implique em desgaste. Ficarão nos museus. No segundo, situam-se as outras todas coisas, inclusive a própria célula habitacional, que depois de um certo tempo de uso, será abandonada e refabricada. Fica claro que objetos de uso mais pessoal serão igualmente abandonados nas células e a refabricação dos mesmos ficará evidentemente a cargo de quem os utiliza.

Entram aqui as obras de arte, cuja refabricação motivou a redação deste pequeno estudo funcional de como viveremos, depois que explodir o demográfico. Obrigado.

# Notas de Sociedade NÃO SOMOS CHOCOLATE, INFORME URGENTE O QUE SOMOS



Geraldo de Barros

Nasceu no Brasil, onde frequentou os cursos primário e ginásial. Iniciou seus estudos de desenho e pintura com conhecidos mestres nacionais e estrangeiros com quem aprimorou seus conhecimentos artísticos. Participou de algumas exposições coletivas, concretizando desta maneira sua vocação nata de artista pintor, tornando-se conhecido nos meios intelectuais desta praça. Várias citações foram conseguidas na imprensa nacional, por críticos de renome, alguns até de fama internacional, após exposição individual que obteve enorme êxito entre familiares e amigos. Fundador do Grupo REX, é artista expositor exclusivo da REX GALLERY & SONS (Galeria Rex). Possui quadros em várias residências e apartamentos particulares, nos mais distintos recantos desta cidade, e outros, e antigamente possuía quadros em consignaço, em coleções privadas de poucas galerias.



José Resende

Nasceu no Brasil, onde frequentou os cursos primário e ginásial. Iniciou seus estudos de desenho e pintura com conhecidos mestres nacionais e estrangeiros com quem aprimorou seus conhecimentos artísticos. Participou de algumas exposições coletivas, concretizando desta maneira sua vocação nata de artista pintor, tornando-se conhecido nos meios intelectuais desta praça. Várias citações foram conseguidas na imprensa nacional, por críticos de renome, alguns até de fama internacional, após exposição individual que obteve enorme êxito entre familiares e amigos. Fundador do Grupo REX, é artista expositor exclusivo da REX GALLERY & SONS (Galeria Rex). Possui quadros em várias residências e apartamentos particulares, nos mais distintos recantos desta cidade, e outros, e antigamente possuía quadros em consignaço, em coleções privadas de poucas galerias.



Wesley Duke Lee

Nasceu no Brasil, onde frequentou os cursos primário e ginásial. Iniciou seus estudos de desenho e pintura com conhecidos mestres nacionais e estrangeiros com quem aprimorou seus conhecimentos artísticos. Participou de algumas exposições coletivas, concretizando desta maneira sua vocação nata de artista pintor, tornando-se conhecido nos meios intelectuais desta praça. Várias citações foram conseguidas na imprensa nacional, por críticos de renome, alguns até de fama internacional, após exposição individual que obteve enorme êxito entre familiares e amigos. Fundador do Grupo REX, é artista expositor exclusivo da REX GALLERY & SONS (Galeria Rex). Possui quadros em várias residências e apartamentos particulares, nos mais distintos recantos desta cidade, e outros, e antigamente possuía quadros em consignaço, em coleções privadas de poucas galerias.



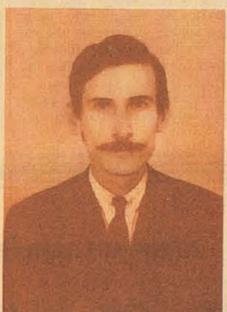
Frederico Jayme Nasser

Nasceu no Brasil, onde frequentou os cursos primário e ginásial. Iniciou seus estudos de desenho e pintura com conhecidos mestres nacionais e estrangeiros com quem aprimorou seus conhecimentos artísticos. Participou de algumas exposições coletivas, concretizando desta maneira sua vocação nata de artista pintor, tornando-se conhecido nos meios intelectuais desta praça. Várias citações foram conseguidas na imprensa nacional, por críticos de renome, alguns até de fama internacional, após exposição individual que obteve enorme êxito entre familiares e amigos. Fundador do Grupo REX, é artista expositor exclusivo da REX GALLERY & SONS (Galeria Rex). Possui quadros em várias residências e apartamentos particulares, nos mais distintos recantos desta cidade, e outros, e antigamente possuía quadros em consignaço, em coleções privadas de poucas galerias.



Nelson Leirner

Nasceu no Brasil, onde frequentou os cursos primário e ginásial. Iniciou seus estudos de desenho e pintura com conhecidos mestres nacionais e estrangeiros com quem aprimorou seus conhecimentos artísticos. Participou de algumas exposições coletivas, concretizando desta maneira sua vocação nata de artista pintor, tornando-se conhecido nos meios intelectuais desta praça. Várias citações foram conseguidas na imprensa nacional, por críticos de renome, alguns até de fama internacional, após exposição individual que obteve enorme êxito entre familiares e amigos. Fundador do Grupo REX, é artista expositor exclusivo da REX GALLERY & SONS (Galeria Rex). Possui quadros em várias residências e apartamentos particulares, nos mais distintos recantos desta cidade, e outros, e antigamente possuía quadros em consignaço, em coleções privadas de poucas galerias.



Carlos Alberto Fajardo

Nasceu no Brasil, onde frequentou os cursos primário e ginásial. Iniciou seus estudos de desenho e pintura com conhecidos mestres nacionais e estrangeiros com quem aprimorou seus conhecimentos artísticos. Participou de algumas exposições coletivas, concretizando desta maneira sua vocação nata de artista pintor, tornando-se conhecido nos meios intelectuais desta praça. Várias citações foram conseguidas na imprensa nacional, por críticos de renome, alguns até de fama internacional, após exposição individual que obteve enorme êxito entre familiares e amigos. Fundador do Grupo REX, é artista expositor exclusivo da REX GALLERY & SONS (Galeria Rex). Possui quadros em várias residências e apartamentos particulares, nos mais distintos recantos desta cidade, e outros, e antigamente possuía quadros em consignaço, em coleções privadas de poucas galerias.

## POÉTICA ZUM

CARLOS SPINARDO

PEPE XINXU

Pepe Camarão, depois de estudar o Tao Te Ching dez mil vezes por longos anos se debruçou sobre grossas de Sutras e Sastras, e Mantras e Tantras do Tibete, da Índia e do Japão. Teve uma iluminação. Fez-se bruxo e fundou o mosteiro da Vista Chinesa para ensinar ZUM-DO Via Rex de liberação.

### O CORVO

"Repara", diz Pepe escondendo lata e pincel; Lucas ve o corvo Cracrau todo verde. "Corvo não é preto?" pergunta o aprendiz já com medo. "Parvo!", brada o bruxo, "Como podes achar que a cor é uma coisa e o corvo é outra?" E lasca a bordoadá.

### ZUM E ZUM

"Dize-me, ó Bruxo; o que é o Zum?" Perguntara-lhe o imprudente Lucas.

Pepe coça a cabeça de mau humor: "Lucas... vai me buscar outra cerveja." E começa a ver se lembra Onde esqueceu o bordão.

### A ESCOLHA DO SUCESSOR

Uma tarde, Pepe Camarão chamou os discípulos: "Vou fazer um teste para escolher Qual de vós será meu eventual sucessor. Vêde aquilo que coloquei no chão. Não o chameis moringa, mas dizei-me o que é."

Lucas veio e disse: "Bem, não é só um naco de barro. Porque pode ir água dentro."

Libório veio e suspirou: "Que pena que eu não possa chamá-la de moringa mesmo!..."

Mas Doutor Kopius, o erudito, que estava escondido atrás da cortina, Surgiu correndo e lascou o chute: A moringa saiu voando. Quebrou o vidro da janela, sumiu.

Pepe olhou pro Doutor E disse: "Se pensas que tua resposta foi brilhante. Estás redondamente enganado. Vais é pagar o prejuízo."

### ZUM E METAFÍSICA

"Porque, ó Bruxo Venerável, existe o mal?" Indaga o ressentido Lucas.

"Eu é que sei?", brada Pepe indignado; "Porque não é o mundo em forma de livro, com ilustrações todas em sépia, e escrito em papel de arroz? Enfim, vamos parar com perguntas tolas e vá me buscar uma cerveja."

# A TEORIA ESTÁ ABSOLUTAMENTE CERTA, PORÉM A PRÁTICA PROVA O CONTRÁRIO

## Matou a Amante Que Não Queria Deixar o Marido



Geraldo de Barros: Cena de Sofá (fantasia agressiva) Óleo

RIO, 9 (CD) — O mecânico Alcides Costa está sendo caçado pela polícia de Caxias por ter assassinado a doméstica Maria Ferreira da Conceição (33 anos, casada). O criminoso abateu a vítima com uma facada na altura do coração no interior da residência desta, na r. Primavera, 44, casa 8. Segundo se apurou, Maria era o centro de um triângulo amoroso do qual Alcides fazia parte.

O vigia Pedro Maria da Conceição (57 anos), esposo da vítima, declarou à polícia que o mecânico

era amigo da família e passou a ter relações com sua mulher. Pedro para não piorar a situação consentiu e, pouco depois, Alcides passou a morar em sua companhia e abandonou seu emprego, exigindo do vigia que o sustentasse também. Foi atendido em tudo e, mais tarde, não contente, quis que Maria abandonasse o marido, com o que ela não concordou. Passaram a brigar diariamente e o eterno triângulo amoroso terminou em homicídio.

### ATENÇÃO — VENHA VER PARA CRER

Acaba de instalar-se em São Paulo a única diplomada pelas Ciências Ocultas do Brasil

Madame SOLANGE Célebre Astróloga de Ciências Ocultas — Ela só não desvende a vida de qualquer pessoa que por aqui passaram. Atende-se todos os dias e também aos domingos e feriados em sua residência. Não atende a domicílio. Horário: das 8 às 21 horas Consultas: Cr\$ 500,00

Ver para crer. Vindo a passeio no bairro da Bela Vista, não deixe de fazer uma visita a célebre Astróloga e verdadeira mestra africana. Peço não confundir com outras que por aqui passaram. Atende-se todos os dias e também aos domingos e feriados em sua residência. Não atende a domicílio. Horário: das 8 às 21 horas Consultas: Cr\$ 500,00

## ALBERTO CHUAITZER O QUE A VIDA ME ENSINOU:

Não basta simplesmente existir. Não basta dizer: "Estou ganhando o suficiente para viver e sustentar minha família. Faço bem meu trabalho. Sou bom pai. Sou bom marido. Vou sempre à igreja". Tudo isso está muito bem. Mas você precisa fazer mais alguma coisa. Procure sempre fazer algum bem em algum lugar. Todo homem precisa, a sua própria maneira, procurar tornar seu próprio eu mais nobre e perceber o valor de sua própria verdade.

Você precisa dedicar algum tempo a seus semelhantes. Mesmo que seja uma coisa pequena, faça algo por aqueles que têm necessidade do auxílio de um homem, algo pelo qual você não receba pagamento algum, a não ser o privilégio de fazê-lo. Lembre-se: você não vive em um mundo só seu. Seus irmãos estão também aqui.



### Combatamos o analfabetismo:

Abrir uma escola é fechar uma cadeia.

## VIKTOR UGO

A maior desgraça dum povo é não receber a educação que merece.

## RENEE BAZAN

# PRESOS TERÃO ROUPA NOVA



Nelson Leirner: Quebra Cabeça Montagem

Os sentenciados paulistas brevemente deixarão de usar uniformes com números e listas. O sr. Julio Dalboux Guimarães, secretário da Justiça recebeu do costureiro de moda masculina Vilela, os dese-

nhos do novo traje, sem forro ou bolsos internos, onde poderiam ser escondidos, facas e outros objetos. Foram eliminados o cinto, a bainha das calças e os números de identificação.

# Fizeram desordens no velório do pai

Na madrugada de ontem, os irmãos Altamiro e Agostinho Fredien embriagaram-se quando assistiam ao velório de seu pai, no Hospital da Cruz Azul, na av. Lins de Vasconcelos, e iniciaram uma série de desordens que se prolongou pelos corredores do nosocômio.

Altamiro e Agostinho, tomados de fúria agressiva, espancaram quantos encontraram pela frente — médicos e enfermeiras — e, invadindo uma enfermaria, chega-

ram mesmo a agredir doentes e irmãs de caridade.

A Polícia mobilizou guarnições da Rápida Patrulha e da RUDI Hospital da Cruz Azul, na av. Lins de Vasconcelos, e iniciou uma série de desordens que se prolongou pelos corredores do nosocômio.

Altamiro Fredien, de 30 anos, reside na av. Albertina, 108, e Agostinho Fredien, de 24 anos, na av. Elza, 28, ambos da Água Fria. Seu pai era Benedito Fredien, sargento reformado da Força Pública.



# REX TIME

Órgão Oficial da Rex Gallery & Sons, Fundado em 1966

## ABORTO MATOU

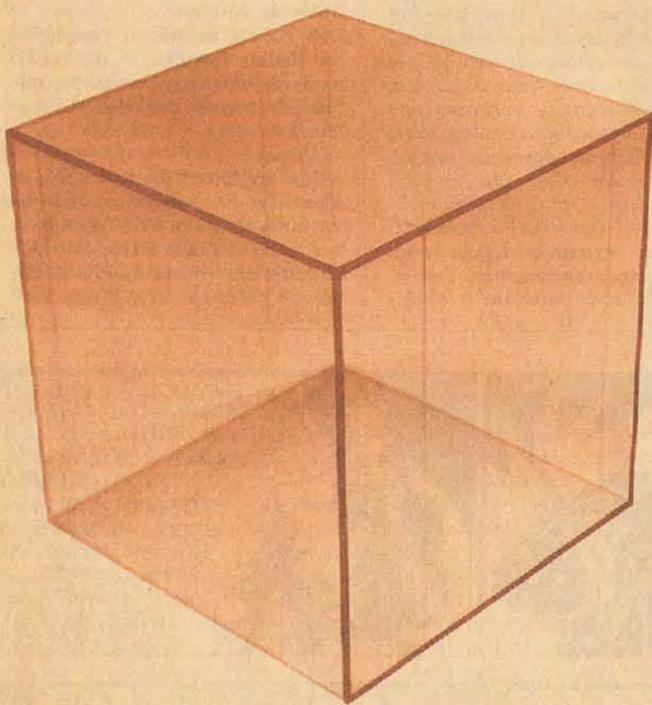
Santos, 12 (CD) — Há dias Sebastiana Lopes Pereira, 25 anos casada, (Guaruja), procurou um mulher, a fim de fazer um aborto. Feito o trabalho, sem os necessários cuidados de higiene, Sebastiana retornou ao lar onde, horas

mais tarde, precisou ser transportada para o Pronto Socorro, onde morreu. O cadáver foi transportado para IML. As autoridades estão realizando diligências para localizar e prender a criminoso.



José Resende: Há! Há! Há! Desenho-Colagem

## EXPLODIU O DEMOGRÁFICO : ATINGIDOS 20 BILHÕES DE NÚCLEOS HABITACIONAIS



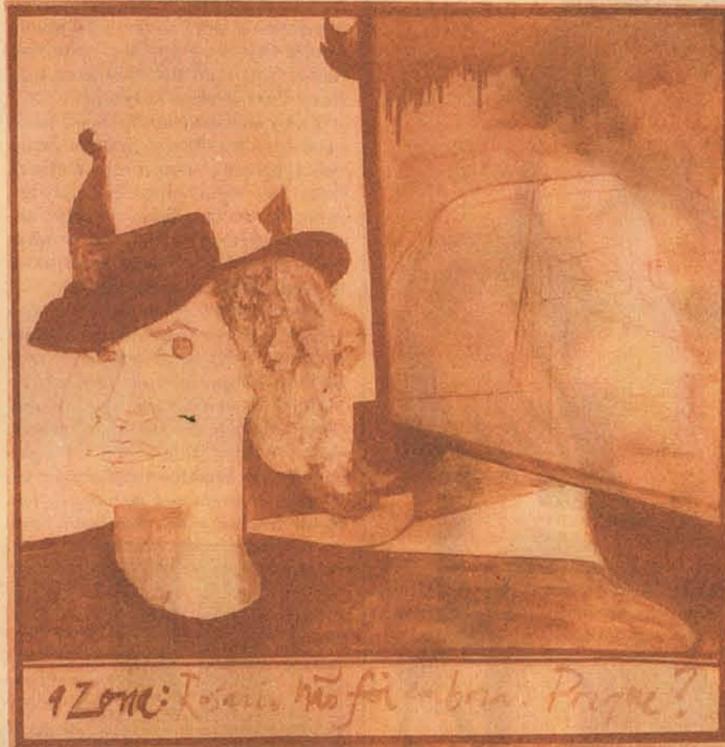
Carlos Alberto Fajardo: caixa / Acrílico

Os termos que definem a explosão demográfica que caracteriza nossa época permitem a conceituação de uma teoria tão baseada na profecia propriamente dita, quanto em bases científico-meta-

físicas. O fato permite afirmações de caráter duvidoso quanto aos fatores imprevisíveis, mas bastante criteriosos na sua maneira de

continua na página 2

## INVERTIDOS SEXUAIS SERÃO BANIDOS DO FUNCIONALISMO

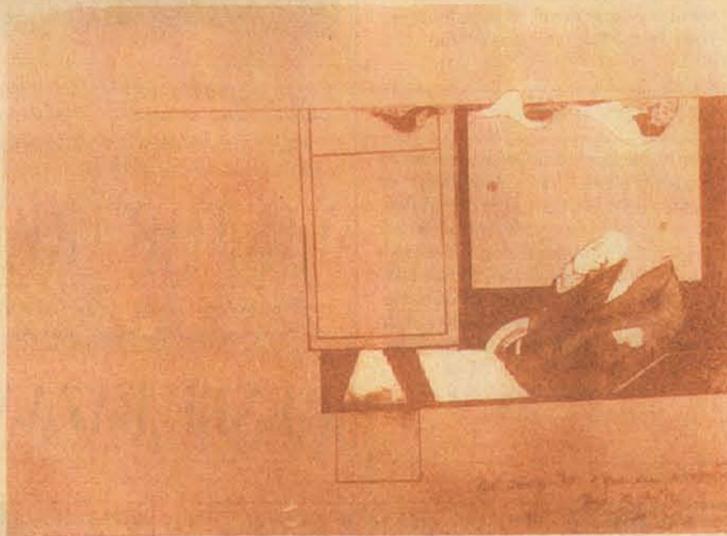


Wesley Duke Lee: a Zona: Rosario não foi embora. Porque? Óleo

Má notícia para os homossexuais: não poderão mais ser funcionários públicos. Pelo menos foi isso o que decidiu o Tribunal Administrativo de Berlim Ocidental que, no julgar a vida licenciosa de um funcionário, considerou que a homossexualidade é incompatível com o cargo. Para a sentença, o tribunal baseou-se no artigo 175 do Código Penal da Alemanha, que trata do problema dos invertidos. Aliás,

esse artigo é famoso naquele país, onde os homossexuais são conhecidos como os "175". Em sua decisão, o magistrado que julgou o fato considerou que há casos de exceção, nos quais um funcionário, reconhecidamente homossexual, poderia ser julgado inocente, se demonstrar ter agido na inexperiência da juventude. Se a moda pega, no Brasil, muito boa gante vai perder o emprego...

## PARA PROVAR QUE NÃO EXISTE PERIGO EMBAIXADOR DOS EE.UU. TOMA BANHO



Frederico Jayme Nasser: No cruzeiro / Desenho

Para demonstrar que não existe perigo de contaminação radioativa no mar mediterrâneo, onde teria caído a terceira bomba H que era transportada pelo B-52 acidentado, o embaixador dos Estados Unidos na Espanha, sr. Angie Bidle, e dois membros do gabinete espanhol, anunciaram que tomarão banho de mar com suas famílias na praia de Palomares.

Como se recorda, estaria na costa de Palomares uma das bombas H que o B-52 deixou cair, e que não foi encontrada até o momento.

Enquanto isso, técnicos da base aérea daquela cidade acham que a bomba H não se encontra na

praia de Palomares, mas sim, em outro local mais distante da costa oriental da Espanha. Argumentam em favor de sua tese que a bomba poderia ter sido arrastada para outro lugar, pelas correntes marítimas submarinas, que são vigorosas nesta época naquela região.

Por outro lado, a "Task-Force-65" prossegue com suas buscas infrutíferas. Observadores informam que o submarino "Aluminaut" fez várias imersões, sem resultado algum. Em terras as buscas prosseguem, com nada menos de 800 técnicos vasculhando toda a região mineira situada a poucos quilômetros de Palomares.

## CORRESPONDENCIA

A primeira carta a chegar à redação do "Rex Time", congratulando-se com o lançamento do nosso boletim, foi a do jornalista Thomaz Souto Corrêa, que faz uma série de elogios, os quais muito agradecemos. Mas como esta seção tem por objetivo ser uma seção polêmica, transcrevemos abaixo a única crítica que o jornalista Thomaz Souto Corrêa faz ao autor do nosso manifesto, que é o jornalista Thomaz Souto Corrêa:

"Causou-me muita estranheza o fato de que você se tenha metido a escrever sobre artes plásticas, especialidade que, até o momento, eu desconhecia em você, e acho que te conheço bastante bem. Já não chegam as crônicas se queixando da vida, contando os seus andares sem fim por noites idem, as suas investidas em considerações sobre cinema, teatro e show business? Agora, você se mete em artes plásticas? Tenha dó: assim, eu não te aguento..."

Quem responde, claro, é o próprio Thomaz:

## REXPOSTA

"Caro Thomaz: você me surpreende muito mais, do que eu a você. Afinal, você conhece a minha curiosidade pelas coisas ligadas a todas as artes. Você sabe que eu leio, que eu troco idéias, que eu procuro me informar sobre arte há muito tempo. Você sabe que eu já pintei, e era tão ruim que até pensei em me tornar crítico de arte. Não porque eu ache que ele seja um artista frustrado, mas porque acho que se ele teve tirocinio (palavra pouco usada, mas muito precisa) para achar que o que ele fazia era ruim, imagine o que ele pode fazer usando o próprio tirocinio nos outros. Com todos estes antecedentes, era inevitável que um dia eu chegasse a escrever também sobre artes plásticas. Não sei como os outros chegaram: mas eu cheguei a pé. E escrevendo a máquina. E pare de me chatear."

## Ultima hora VAI FALECER O PROF. BHROMBERG



Momentos antes de fecharmos esta edição, soubemos da lamentável notícia de que o professor Adolph P. Bhromberg, teórico do culto da irreversibilidade do movimento REX, vai falecer. Catedrático da cadeira de Ciências Sociais, Políticas, Artísticas e Circenses, o prof. Bhromberg era muito amigo dos seus amigos, com quem mantinha grandes relações de amizade. Em compensação, era visto na Universidade de Doverland, MU., como um dos precursores da relatividade do irreversível. Isto porque, detestava seus poucos e escolhidos inimigos. A notícia, porém, abalou todos os círculos, inclusive o geométrico. E com profunda emoção que os integrantes do movimento Rex vislumbram a morte do único intelectual que, até agora, se manifestou sobre o movimento. Desejamos ao prof. Bhromberg uma morte tranquila e uma feliz viagem. Amen.

THE REX IS DEAD  
LONG LIVE THE REX

# REX TIME

NOS USAMOS DE TUDO  
E DE TODOS  
E NÃO DAMOS SATISFAÇÃO

Número 2

ORGÃO OFICIAL DA REX GALLERY & SONS, FUNDADO EM 1968

9 de setembro de 1968

NOVA FÓRMULA



*Secret*

# REX TIME

Orgão Oficial da Rex Gallery & Sons, Fundado em 1966

Uma das vezes que visitei a criação do mundo,  
o mar-lava soletrava Losd em borbulhas de fogo  
explicando a placidex da origem das coisas.

Vento batia cinza vulcânica nos olhares desconhecidos  
e ninguém procurava saber porquê.

A praia arenosa bordava até à beira da selva  
e Carxan estava longe acima  
num planeta-árvore vistível a olho nu e excitado.

Prospetia Carxan macacamente:

Dia 16 sexta-feira, 21 horas,  
Rex Gallery & Sons, "Flash-back"

# BEQUE

E depois, procurando sentido: "Flash-back".

"Flash-black". Flash-black". Procurando sentido.

Para alcançar Carxan, embebemos nossos corpos-foguetes  
em combustível líquido-não-potável,

fusemos fogo, contamos 9-8-3-2-1, partimos,  
levando boy coligando Lane.

Procurando sentido, flash-back  
ninguém procurando saber porquê.

Thomas Souto Corvia

# RUA IGUATEMI, 960

## REGULAMENTO REX

*O Grupo Rex intuindo o declínio da Pataphisica publica o seu Regulamento. (Regulamento este que deve ser considerado como: bem flexível.)*

- 1: Laizer-Passer (não fura a bhola.)**
- 2: Laizer-faire (deixa a gente jogar)**
- 3: Acreditar piamente na imortalidade da Alma (por uma questão de conforto)**
- 4: Acatar a autoridade constituída. (a unidade REX)**
- 5: Manter o Bom-Humor a todo pano. (...o Bom-Humor nosso, não o dos outros)**
- 6: A Pena e a Espada dominam o Mundo, a Vaselina supera as duas.**
- 7: Eu sou um cavalo velho, que venho de todas as guerras e batalhas, e não estou ligando para mais nada.**
- 8: Nos vemos tudo, ouvimos tudo, salamos tudo e eles não veem nada, não ouvem nada, e não dizem nada. (a não ser o que todo mundo sabe.)**
- 9: A Vida é feita de detalhes. (ou nuances, como queira.)**
- 10: Uma coisa puxa outra.**
- 11: Toda Guerra é uma festa. Toda Festa é uma guerra.**
- 12: Quando todos estão brincando, nos estamos trabalhando, e quando todos estão trabalhando nos estamos dormindo!**
- 13: Nada se cria, nada se perde, e dá tudo sempre na mesma, e vamos acabar com esta conversa, seu convencido!**

Notas de Sociedade

NÃO SOMOS CHOCOLATE, IN-FORME URGENTE O QUE SOMOS O REX ESTÁ CRESCENDO



Olivier Perroy



Roland Cabot



Roland Cabot

ADQUIRIDO PELO MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO

O Museu de Arte de São Paulo adquiriu para seu acervo o quadro de Nelson Leirner intitulado "Adoração" que explora o tema revolucionário e inedito na sociologia brasileira; Roberto Carlos. É uma pena que a crítica especializada não tenha percebido a importância do fato, que trouxe experiências inu-

sitadas, raízes geradoras da nossa época, e por conseguinte se transformará em arte. A verdade é que a América já foi descoberta, (mesmo contra a Turma do Contra) e não escapou ao olhar atento do Sr. P. M. Bardi, que percorre incognitivamente as manifestações e adquire em silêncio.



CONGRATU'REX

A Redação do Rex Time congratula-se com o novo periódico, Notícias de Wega, em vários recantos da cidade, impreconsonada pelo afluxo de público atraído pela a Rex Gallery & Sons, decidiu construir fabuloso local de vendas em frente da galeria. Comprimos a atitude sábia dos dirigentes deste centro, que perceberam a força do local.

mais aliviados. Bola para frente Notícias de Wega, como diria o Rex Sebolão.

Shopping Center Iguatemi, após pesquisa, em vários recantos da cidade, impreconsonada pelo afluxo de público atraído pela a Rex Gallery & Sons, decidiu construir fabuloso local de vendas em frente da galeria. Comprimos a atitude sábia dos dirigentes deste centro, que perceberam a força do local.

Aos interessados em possuir a coleção completa do Rex Time, dirijam-se à secretaria da Rex Gallery & Sons, e peça. É de graça.

CINEMA AO AR LIVRE



APRESENTAÇÃO INEDITA DE FILMES

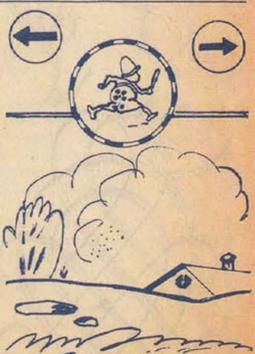
A Rex Gallery & Sons apresentará ao público paulistano durante a exposição comemorativa da Descoberta da América, e dando continuação ao seu programa de divulgação cultural, com total exclusividade, seis filmes sobre os artistas norte-americanos que praticamente provocaram toda a revolução contemporânea das artes: Roy Lichtenstein, Andy Warhol, Jim Dine do grupo POP, e Barnett Newman, Kenneth Noland, Frank Stella, do grupo COOL, HARD EDGE e OP. Estes "perfis" foram realiza-

dos pelo cineasta americano Lane Slate, (premiado no Festival de Veneza com um de seus documentários) para a National Education Television de Nova York. Recentemente este cineasta esteve em São Paulo, rodando um documentário para a mesma entidade sobre o artista exclusivo da Rex Gallery & Sons, Wesley Duke Lee. A programação será de dois filmes, cada sexta-feira depois da inauguração, dia 21 de outubro. Não percam esta informação "viva" sobre o momento nas artes.

POÉTICA ZUM

A to Z Geraldo de Barros

- A to anni
Anno to baltic
Baltim to brail
Brain to castin
Castir to cole
Coleb to Damassi
Damascu to Educ
Edwa to extract
Extracti to gamb
Game to gunm
Gunn to Hidrox
Hidrozo to Jerem
Jerez to libe
Libi to Mary
MaryB to mushe
Mush to ozon
P to plaqui
Plants to raym
Rayn to Sarr
Sars to sorc
Sord to Texas
Textile to vas
Vase to Zygo

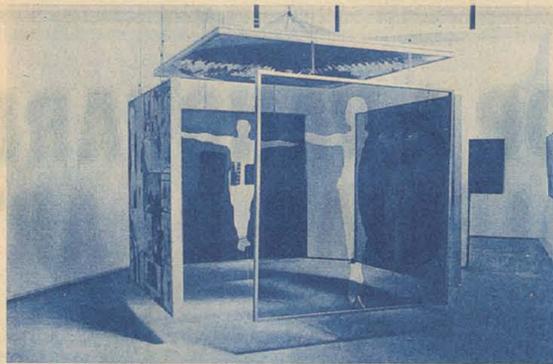


Dans ce petite gars, il y a des tendres visages, c'est à dire, mon effort, mon amour, mon amour. Sur les neiges les plus éblouantes, se dresse toujours une ombre plus grande que lui. Sur les plus hautes montagnes, il y a la presence de son ordre vigilant. Qui se rappelle-rait, au moment de la plus grande confusion, d'avoir à la main le Traité Elementaire des Trainways? A propos de sa presence insidieuse, ses traits se recueillent en lui-même. Toujours, mon amour, il y a des personnes qui s'amuseent considerablement. Le petite gendarme est formidable, tenebreux dans sa course, celebre dans la vie. Il pourra juste prendre, sur son chemin, une chose, il lui reste une main vide: la femme (qui lui comblera le coeur) et d'autres choses circonstancielles, qui auront plusieurs effets sur son sphere affective. Comme dans la vie quotidienne, dans la tendresse, l'avilience, qu'il n'y a entre elles rien d'altusif. Dans la vitesse, les muscles lasses. Dans la vie, une joie sans mélange. Dans la confiance, la corrosion. Surtout, il se fait necessaire prendre l'aeroplane dans l'hangar. Ou pas. Voyez son coeur. Ses culottes lui derangent le pas, mais, quelle grace, quelle pantomime, quelle richesse.

Frederico D. Sunbeam (traduit par Marie-Ruth)
es
Esthetic Survival, a mode of integrity commodious to the accommodation of the totality of reality, marches on. Why? For the intellectual besieged by the daily flow of soap flakes, organ grinders, architects, E. S. provides a release from agonizing suspension between art and unreality. Come, with verve, listen and read as George Love articulates the nature of whatever. Thursdays, and the brave of E.S. marches on. Carlos Carlos reads from George Love's Green Existence, a handbook of survival; Reda Redact recites essays from I Was A Secret For The FBI, social Ethel Schertz sings poems from George Love's It Was Is Was Not Was Then There But However; L. B. Jardanopolis speaks of a chosen thing.

Artista Exclusivo da Rex Gallery & Sons

Depõe sobre seu trabalho na Bienal de Veneza



Sobre a Bienal de Veneza em si, gostaria de somente dizer que fiquei satisfeito de ter participado, e especialmente em tão boa companhia, e não estou me referindo aos primitivos e sim a Piza e Camargo. Quanto a organização da seleção brasileira prefiro não abrir a boca, porque a incompetência e a indiferença tomam proporções tão absurdas na mão do comissário "fixo" sr. F. Matarazzo e a banda que lhe acompanha, que seu eu conto ninguém vai acreditar, e dirá que estou inventando uma das minhas estórias.

Eu acredito que o tempo corrige muita coisa, e enquanto é de age (esperamos) eu gostaria de contar sobre o trabalho em si. Tomo a liberdade, então, de primeiro explicar meu trabalho, não por pensar que ele seja incompreensível, mas porque de um ano para cá comecei a enveredar sobre uma pesquisa, que até onde posso me informar, é inédita. A primeira destas manifestações foi quando transpando o limite da "moldura" expandi o espaço pictórico além da mesma, e tomei um espaço novo da parede que não era mais o quadro em si. Até aí a novidade não é grande, os cubistas fizeram incursões neste sentido. Mas o fato me fez realizar uma possibilidade maior de expressão, e esta seria a de "envolver" o apreciador. Até aí, de novo, nada de novo, pois Schwitters, lá pelos '30 já tinha feito o "Merzhaus" (uma espécie de casa/escultura/quarto). Mas a verdade é que a experiência do outro serve mais como afirmação do ponto em que você chegou, que uma ajuda de direção, ou molde de trabalho. Então partindo de uma fotografia que me impressionou, de um grupo de "aerealistas" num circo que se encontravam no escuro na corda bamba, que eu sempre tinha a vista durante muito tempo, mais uma canção que uma noite eu ouvi numa boate na Itália, que se chamava os "Acrobatas" e que se movimentavam em fio imaginários, e durante o inverno estes fios se dirigiam para o mar... feita a soma necessária eu vi o quadro pronto pendurado no meio da boate! Comecei os estudos e a execução durou cinco meses de trabalho consecutivo. A medida que o trabalho corria eu fui descobrindo, (porque é sempre assim: primeiro você cria depois explica.) que ele condensava quase toda a minha experiência ar-

tística até aquele momento, ou sejam quatorze anos. Apareceram problemas de construção, materiais novos, como o acrílico, alumínio, que investigava pela primeira vez em grandes áreas. A inclusão de um sistema eletrônico que deveria produzir um som contínuo e monótono, conotando a barulheira em que se vive, e que não se tem jeito de sair dela, e que vai continuar assim, e que os problemas, inclusive os de concentração, tem que ser resolvidos nestas circunstâncias. Este fato quando finalmente, na apresentação da obra, provocou reações opostas; dos que não entenderam como o nosso comissário "fixo" que me mandou" desligar o "barulho", violando um direito básico do artista, e mostrando o tipo de interferência do "amigo dos artistas". Do crítico J. A. França no "Estado de S. Paulo" "...muito barulho para nada." e o "antipático muro de som ao qual poucos visitantes se atrevem entrar". Para rebater, o crítico Pierre Mazars, no "Figaro Littéraire"/Paris, considero junto com Lucio Fontana, e o japonês Ay-o, os três trabalhos mais revolucionários da Bienal, justamente pela proposta do "ambiente ligado ao problema de som"! Mas no mundo das artes é assim mesmo, e os que não querem pagar o psiquiatra atacam, a turma do "homo ludens" elogia.

ESPECIFICAÇÃO DA OBRA
Titulo: O Trapézio ou uma Confissão, uma tentativa de confissão, ou o abandono da "Projeção Erotica Imaginativa" sobre a Realidade. Porque abandono? Uma vez que a fantasia erótica, deixa de ser "secreta", perde a força, e libera um estado de coisas, e você entra num mundo maior de participação. Sem a "projeção" você vê os outros mais nitidamente, e é isto que interessa. Por causa da sucessão de imagens apresentada nos quatro painéis trabalhados em todos os lados, suspenso por cabos de aço, vindos do teto, formando um cubo, que é um quarto, lugar onde as intimidades são despojadas, lugar onde um homem é uma mulher se olha frontalmente, que pela tensão criada explodiu no espaço, este espaço é dentro-do-peito-de-um-homem que para abrir precisa quase uma explosão atômica. E dentro desta explosão que eu permito ao apreciador promeascender aos meus segre-

dos que também são os seus. Assim é uma Confissão. É aberta de quatro lados, os pontos cardiais, as possibilidades de atacar um problema de vários ângulos, a mágica das mutações surgindo a cada pequeno movimento, o desencontro quando os dois mutuamente atraídos por Ordem Alquímica, funcionando em ritmos diferentes se aproximam perante a impossibilidade. É uma sala de operação, onde o teto "em alumínio escultural" cobre e proteje a sua possibilidade de confissão, mesmo que uma voz superior vociferar a altos brados (o ruído eletrônico, um brando, similar a um desencadeamento atômico que escapa da cúpula e agride fisicamente). No centro, porque tudo tem um centro, e no alto, encontra-se o mistério que eu acredito existir, a unidade, refletida numa calota-espelho o quadro todo ou melhor, seu interior, que só será atingido uma vez vencida as inibições.

Ligando as duas figuras projetadas havia um cabo, está arrembando, ao lado as figuras recortadas em acrílico; verde o homem a esperança, amarela a mulher, a luz, uma corda branca une as possibilidades. É transparente, desprovida de História, concentra uma totalidade de energia, é a passagem aberta, não tem costas como o oposto que esconde a disparidade de objetivos, uma fantasia erótica na do homem, a formação da família na da mulher. Ao se afastar "o operado" depara com a totalidade da formação, subindo para o teto uma cobertura de lona, é o circo, é a infância, é o ludico que permaneceu no adulto. As correntes de ar agem sobre a estrutura lhe dando independência e soprando uma vida poética... Ocupa uma área de 16 metros cúbicos, tendo cada painel 2,00x2,00, um quadrado, invenção do Homem. Conclui finalmente que não é mais um quadro, e que realmente segundo as previsões o quadro de parede tende a desaparecer, mas a pintura permanece, e permanecerá, daí então um nome para o que estou fazendo: Discurso. Discurso: é uma idéia posta em prática para desafiar o sistema cartesiano, e fazer os Homens acreditarem no processo intuitivo, mais frequentemente! Não precisa mais nada que dois olhos para se apreciar uma "Philosophia Visual".

O professor Bromberg autor da Teoria da Arte: Tensão Econômica, Tensão Perfidia, anuncia para o seu vasto publico o início das lições particulares, ou por correspondência, que depois de uma experiência com 12.000 alunos de uma vez só, durante o período de três meses, obteve resultados surpreendentes. Não ficou claro quais foram os resultados. Os interessados dirigiam seus esforços para seu endereço particular. Professor Adolph P. Bromberg, Broad Street Way W.I. Doverland, Mu.

continuação da página 4

leis que presidem a publicidade gráfica mais simples e direta, são também as arte visual norte-americana. Mas, ao mesmo tempo, a publicidade se renova pela visão dos artistas "pop". Enquanto o "pop art" enriqueceu a vida social espalhafatosa e cinicamente, fica nas galerias uma arte "post pop", monótona, óbvia, é muito afastada do "pop art", mas que, de certo modo, é também uma manifestação da sociedade "pop", ou seja, da sociedade que se faz cargo conscientemente de sua massificação, de sua industrialização, e de sua estandarização.

POSSIBILIDADE DE UMA ARTE TECNOLÓGICA
Entretanto, parecia que o espetáculo e o vestuário constituem os campos em que ainda exerce toda sua liberdade a aventura criadora. Nas galerias, acostumadas ao lançamento no mercado, não de artistas individuais, mas de modas artísticas (primeiro o "pop", depois o "op", mas tarde o "top"), se encontram desconcertadas quanto ao que devem lançar no futuro.

Possivelmente chegue a vez do tecnológico, mas o certo é que a arte envolvente, não só como espetáculo, mas também como solução espacial, espera o desenvolvimento e reconhecimento, apesar de sua dificuldade de execução, transporte e comercialização, e a sua natural tendência barroca. Nesse sentido cabe destacar a obra — feita para ser transportada, subindo por escadas e deslizando por escorregadores, denominada "el batacazo" que expôs em Nova York a argentina Marta Minujin. Apesar dos bonecos astronautas e dos jogadores de "rugby" e luzes de neon e outros elementos "pop" (mas em versão de bonecos expressionistas) sua obra se encontrava longe da arte norte-americana em sua versão esterilizada, que reina hoje nas galerias mais importantes e que lhe dão a essas, aspecto de hospitais. Mas, acima do subterrâneo, se queremos detectar o que reina em uma primeira linha, devemos registrar ainda como os grandes da pintura norte-americana, os que impuseram o "pop art". Em relação a eles a nova geração parecia significar para a arte norte-americana o que significou para a arte francesa, depois da grande geração renovadora dos "fauves", cubistas e surrealistas, a aparição dos Hartung e Soulaige e Menessier: seu anquilosamento.

A grande euforia que despertou a arte norte-americana foi como uma furacão. Será que está passando como um vendaval? Não acredito por enquanto. Mas fica em pé a possibilidade do desenvolvimento de uma arte tecnológica e impessoal que tenda a um estilo orgânico e global. Possibilidade indubitavelmente, de enorme significação cultural. Mas também se pode apreciar uma perda de impulso e de espírito de aventura como também os indícios de uma possível crise comercial, ainda que não parecesse esta de todo explícita. Fala-se como há três anos em Paris do fechamento de muitas galerias. UMA FUGA AO TÉDIO
A margem disto podemos assinalar que esta temporada terminou com uma exposição verdadeiramente insólita, não por sua concepção (obras que aplicam a eletricidade e a mecânica), mas pelo alcance que se quis dar. A soma das obras expostas condicionada um ambiente propenso à concentração espiritual ou budista ou ao retiro necessário para ingerir LSD. Imagens de Buda no meio de máquinas e luzes — num ambiente escuro e com música oriental — e jovens jogados pelo chão ou sentados em atitude de concentração espiritual, com os olhos fechados ou olhando fixo os efeitos de luz, constituíam na sua totalidade um feito muito singular, ainda que não especialmente do ponto de vista artístico. Budismo zen, marijuana, LSD e tecnologia numa extranha combinação, dão uma imagem da confusão conceitual que pode ter o "underground movement" quando procura dar algo mais que o simples jôgo visual-cinético ou de elementos espaciais. Mas, pelo menos, esta exposição fugiu da lei do tédio, que impera na nova arte, e que, ainda admitem seus advogados, querendo dar a este sentido do tédio um novo alance, algo assim como um testemunho da frustração. De frustração e da vontade de escapar falam também os advogados do LSD (cada vez mais imperante nos ambientes intelectuais). Tanto um fenômeno como o outro nos falam de uma mesma sociedade. Não existe já para nada, a vigorosa assunção do caos, que foi a característica da obra dos artistas cujos nomes se converteram em sinônimos do nascimento da arte norte-americana — Pollock e Rauschenberg — assim também como dos "happenings". Entretanto, os negócios de vestuários e os "nights clubs" oferecem mais interesse que as galerias. Hoje por hoje são mais vanguardistas — no sentido de desafiantes estéticos — os jovens, pela forma como se vestem que os artistas pelo que fazem. Será que o conceito da massificação da arte se opõe ao gesto romântico individualista que caracteriza a arte de vanguarda? Acredito que sim. Como se diria atualmente, a vanguarda está "out". Por quanto tempo? Ou será que ressuscitará em outro lugar?

Publicado no número 5 do MIRADOR, N.Y.

Luis Felipe Noé, pintor argentino, residente atualmente em Nova York graças a uma bolsa Guggenheim, é conhecido também como crítico e ensaísta através de trabalhos jornalísticos e seu livro "Anti-estética".



# REX TIME

Órgão Oficial da Rex Gallery & Sons, Fundado em 1966

*Fim de Temporada em Nova York:*

## NA SOCIEDADE POP A VANGUARDA NÃO ESTÁ NAS GALERIAS DE ARTE

Luis Felipe Noe

Desde algum tempo é comum dizer-se que Nova York é o centro da criação artística de hoje. E também comum dizer que a moda "Pop Art" foi substituída pela moda do "Op Art." Há cinco anos era considerado um excêntrico quem ousasse manter essa opinião contra a opinião respeitosa do reinado artístico de Paris.

Com essa mesma excentricidade, a de não falar do que aconteceu e sim do que acontece, é que me atrevo a fazer um balanço da Nova York artística, 1966.

A rigor, Nova York não é um centro internacional de arte do ponto de vista artístico. É verdade que hoje em dia Nova York é o centro comercial da arte; ali dão-se as contribuições mais significativas para o processo da criação artística. Também é certo que tem grande valor internacional o que nela se gesta e que participaram na elaboração desta nova arte de Nova York artistas que provêm das mais variadas partes do mundo; mas apesar de tudo isto, corresponde mais falar do centro "nacional" de criação artística de maior importância no mundo, do que do centro "internacional".

Os centros internacionais artísticos forma sempre, mais do que oásis, reflexos culturais. Assim, Paris foi o centro da pintura francesa, com uma importância internacional mesmo com a colaboração de pintores do mundo inteiro. Mas Paris era ao mesmo tempo o centro da pintura europeia. Isto lhe deu caráter de centro internacional. Em Nova York, de outro lado, como está bem claro na consciência de seus artistas, no que é fundamental vive-se o fenômeno artístico como uma independência cultural da Europa e, conseqüentemente como uma afirmação de si mesmos. Não se trata de chauvinismo, como creem alguns, mas de uma concentração em sua própria aventura cultural. Assim, existe uma abertura para todo aquele que, vindo do estrangeiro, participe nessa aventura cultural americana. Podemos entre outros citar o nome de Marisol, Oldenburg, Chrissa, Sven Lúkin e mais recentemente o do chileno Castro Cid (Está claro que mesmo sem preencher este requisito o sucesso comercial é possível a quem o tiver como objetivo). Como conseqüência desta concentração existe não um desinteresse mas uma impossibilidade de compreensão de outros processos culturais contemporâneos, quando não coincidem com o ritmo daquilo que vai interessando a arte norte-americana.

A sociedade Pop  
O primeiro fenômeno de amadurecimento, artístico americano foi a "action painting", mas o Pop Art significa para a cultura americana a consciência do "american way of life". Todas as manifestações da sociedade americana se transformaram pela vontade de seus artistas numa afirmação da cultura americana. A palavra Pop Art foi associada no princípio com uma determinada corrente, com um "ismo" cujas manifestações mais características eram os quadros de histórias em quadrinhos ampliados de Lichtenstein e as esculturas pintadas representando monumen-

tais hamburguers, de Oldenburg. Não é meu propósito fazer aqui a análise do Pop, mas assinalar um fato que só foi possível apreciar nesta última temporada: à margem do Pop propriamente dito, à margem do Pop ortodoxo, existe todo um fenômeno cultural da sociedade Pop. O Pop já não pode ser considerado apenas um "ismo". Se bem o termo Pop será conservado para todo sempre como o fenômeno inicial da arte americana, quando surge como cultura de características próprias, o processo artístico dessa mesma cultura pode denominar-se a arte da sociedade Pop.

Depois da idealização da comunicação massiva num nível popular despertada pelo Pop Art era lógico que como segunda etapa não se produzisse o que se convencionou chamar de Op Art (porque já tinha acontecido muito antes) mas que se promovesse o Op.

A excentricidade convertida em fenômeno massivo.

A Pop Art deste ano já não se ve como um "ismo" oposto ao Pop Art, como se pretendia no ano passado, mas como uma variante do fenômeno Pop, esse fenômeno que afirmou primeiro que tudo pode ser arte e que agora afirma que a arte pode estar em tudo. Já não trabalham para o Pop apenas artistas, mas também, fundamentalmente comerciantes. O lançamento de desenhos Op para vestidos, assim como a conversão dos quadros de Mondrian em tecidos para mulheres são fenômenos tipicamente Pop. Apesar de existir uma saturação e cansaço no que diz respeito à exploração dos primeiros símbolos do Pop (os heróis, as histórias em quadrinhos, as coca-colas, as latas de sopa Campbell repetidas mil vezes) e, de certo modo todos estes elementos perderam algo de seu simbolismo para retornar ao lugar que lhes correspondia na vida diária, é também verdade que o Pop não caducou, como se afirmava o ano passado diante da moda Op, mas já está assimilado a um estilo de vida cotidiano.

É verdade que as novidades da moda: Courrèges, Paco Rabanne ou "mod" originaram-se na Europa, mas adquiriram maioridade com o fenômeno Pop. A excentricidade baseia-se na aplicação na moda, publicidade e decoração de métodos criadores que estavam fundamentalmente reservados à pintura.

Já não se aplicam apenas os desenhos de Mondrian ou Pop para a roupa das mulheres, mas também seus métodos de criação artística. E assim que apareceram vestidos com lâmpadas elétricas, espelhos, bandeiras americanas. E se no reino da fantasia ainda não apareceram vestidos totalmente espelhos é porque ainda não foi fabricado o tecido, o que é só questão de meses. Vestidos — espelhos ou toalhas de mesa — espelhos ou sofás estofados de espelhos — e a passagem aos objetos do conceito de espaço — eram a conseqüência lógica. Por isso os artistas começam a interessar-se pela moda, pois que esta estaria deixando de ser uma arte aplicada para converter-se num campo de experimentação insubstituível.

Os exemplos abundam: uma artista desenhou um vestido de plástico transparente encerrando na frente

e nas costas fotografias ampliadas em tamanho natural do dorso nu da mulher que o veste. Andy Warhol inaugurou sua boate viajante (um mês em cada lugar) na qual se projetam luzes sobre os pares que dançam e simultaneamente se projetam — onde estava colocada a orquestra — três de seus filmes nos quais não existe praticamente ação, pois mostram movimentos mímicos de um olho, de um sorriso ou de um beijo. Quase ao mesmo, produziram-se numerosas experiências semelhantes; multiplicam-se as discotecas com ideais semelhantes. É a valorização, como criação, de algo que já vinha acontecendo. Há dois anos as rockettes do Radio City Music Hall participavam de um espetáculo que era reproduzido simultaneamente numa gigantesca tela de um aparelho monumental de televisão: via-se, assim, em detalhe, os movimentos de perna rítmicos e perfeitos, em marcação exatamente coordenada. No ano passado, no pavilhão da IBM na Feira Mundial, também se podia ver um espetáculo com projeções simultâneas.

É nessa linha que dois cientistas, Stan Vanderbeck e Robert Whitman, estão trabalhando. Espetáculos envolventes, múltiplas projeções simultâneas, transferência da imagem de uma tela para outra. Utilização da figura humana viva como continuação da projeção de imagens de mulheres nuas sobre vestidos brancos delas colocados no cenário. Estes espetáculos oferecidos ao público, simplesmente como tais, ou utilizando também a participação dele (por isso a tendência cada vez maior de serem aplicados em lugares com música e dança) fogem de sua origem cinematográfica e propõem a solução de problemas cada vez mais importantes para as artes plásticas: a visão quebrada, ou seja a descentralização do objeto visual, a multiplicidade e oposição de estímulos tendendo a que estes envolvam o espectador ao fazê-lo participar da experiência, mais como ator do que como observador.

### LIMITAÇÕES DA ARTE ENVOLVENTE

Esta tendência da arte envolvente é cada vez melhor. Não só o espetáculo pareceria ser seu destino mas também o que antes se chamava de decoração do ambiente, virou depois "environment", e agora exigiria um novo termo, dado que não se trata de mera decoração nem de um ambientalismo mas de uma problemática que resulta na totalidade de um ambiente. Quase se poderia falar de uma tendência nascente à qual a arquitetura proponha uma integração entre esta e a pintura não por exigência da arquitetura como a concebia o "Bauhaus" mas como conseqüência de problemas pictóricos.

Por enquanto o mais adiantado em tal sentido seria o realizado por Hakey na Alemanha ao atravessar com franjas de cores não só toda a sala de exposições-muro, telhado, e chão — como também as brancas esculturas formalistas dentro dela. Esta variante que tende à estrutura espacial que apareceu simultaneamente em diversos países (Alemanha, Inglaterra, Argentina e Estados Unidos) ficou em Nova Iorque num tímido e pouco vigoroso

ensaio de integração da escultura com a pintura, sem ultrapassar os limites do objeto para invadir a totalidade do ambiente.

Talvez a dificuldade de comercialização de uma arte envolvente aplicada à arquitetura faça que esta se desenvolva mais no espetáculo ou que se limite ao objeto escultórico de estrutura primária. Este ano o que mais se viu no campo da escultura foram cubos, prismas e vigas pintadas com uma tendência a pronunciar ou mudar a perspectiva espacial através da cor. Esta foi a tendência predominante deste ano, ainda quando sua uniformidade, despersonalização e falta de audácia nos planos lhe tenha diminuído o vigor para impor-se. Em parte também porque não suscita resistência alguma. Esta nova variante do "Hard Edge" e dos planos (ou das soluções) geométricos se encara muitas vezes também através de uma geometria espacial plana com uma perspectiva pronunciada pela forma do bastidor (Shaped Canvas).

### AUSENCIA DO DESAFIO

Não há um nome que tenha progredido para a tendência vista neste ano. Do ponto de vista escultórico se fala de "Estruturas Primárias"; do ponto de vista pictórico de "Shaped Canvas". A revista Time fala de "Top", (jogo como as anteriores contrações op e pop), derivada de topológico. A figura mais vigorosa desta tendência creio ser Sven Lúkin, por ser um pintor que desenvolve o problema com conseqüências escultóricas em formas espaciais — não primárias por certo e com grande claridade.

Também existe uma variante de estruturas primárias realizadas em "plexiglas" e outros materiais (espelho, alumínio, madeiras pintadas de preto ou em forma de taco de assoalho), que tomam quase exclusivamente a forma de prismas. No caso dos espelhos ou tacos, colocados sobre o chão, criam uma sutil mudança do evidente. Talvez essa variante ultra-purista seja a mais significativa, por ser um extremo dentro de uma posição. Os nomes mais importantes: Larry Bell, Robert Morris e também Don Judd.

Se a eles se somam os que trabalham com tubos elétricos como Chrissa e os que de uma maneira ou outra utilizam os descobrimentos da fotomecânica, como Castro Cid, podemos completar um quadro geral cuja característica principal seria a de indicar uma nova etapa da arte da cultura da sociedade Pop: a despersonalização da arte, ou mais ainda, a desumanização; uma arte onde não há rastro do mão humana, uma arte que tende a abdicar, na tecnologia ou nas soluções espaciais, o que supera o indivíduo; uma arte que coloca distância entre o artista e sua obra; em definitiva, uma arte fria. Trata-se da ascensão voluntária das leis da comunicação massiva e da industrialização: simplicidade comunicativa, e possibilidade de reprodução. O elementar, o óbvio, o conformista, o que há de possibilidade comercial massiva por facilidade da industrialização, a terminação perfeita da obra, como resultado de uma sociedade industrial que supera o feito à mão; o desenvolvimento dos diferentes meios de comunicação; uma nova arte abs-

trata purista oposta a todo o barroquismo; estas são as notas características deste fenômeno.

Uma exposição do que até agora se considerava a base das esculturas — perfeitos prismas negros — hoje constitui uma exposição de escultura. Uma fila de tijolos foi exposta numa amostra de esculturas primárias do Jewish Museum. Assim também, ainda que sem esse purismo do óbvio, e com o nome sintomático de "híbrido", é um indicio do mesmo fenômeno "o objeto-tipo" exposto pelos artistas ingleses Gerard Line e Peter Phillip, atualmente residentes em Nova York: um modelo de possível reprodução industrial e de múltiplas aplicações por meio de computadores do gosto do público, iniciada sobre as formas de um objeto ideal.

Dessa maneira já não se pode falar aqui de vanguarda nem de arte experimental, ou seja de uma arte que desafia o conceito do estético, que foram as notas características da geração da "action painting" e logo da de Rauschenberg e de Oldenburg e de Kaprow e dos criadores de happenings. A indagação no campo da Pintura e da escultura reside na ampliação de novos meios de comunicação, e de uma retração ao primário. Se existe uma mudança na visão estética, já não é, por certo, por desafio a uma anterior

### VALORIZAÇÃO DO OBVIO

A vanguarda tal como concebida até agora — um feito inconformista e arriscado — parece reservada nesse momento ao espetáculo, à mistura entre happening e cinema, do qual já falamos, e ficaria à espera do desenvolvimento de uma arte envolvente, postergada por sua difícil comercialização. Entretanto, a fantasia se escapa do denominado tradicionalmente como arte e entra nos "night clubs" e no vestuário. A recordação da pintura como vivência humana, como projeção de gestos, fica arquivada na lembrança histórica com uma lápide final: a recente exposição de Lichtenstein de quadros de histórias representando, por meio dessa técnica particular de pontilhismo e zonas planas, a grafia de pincladas ao estilo "action painting".

Rauschenberg e Jasper Johns aparecem agora na perspectiva como os últimos artistas americanos no "cool". Foram os que apontaram o limite entre o gesto e o objeto. Depois deles, foi se pronunciando uma tendência para indicar o objetivo. Não se trata agora também, como nos artistas mais representativos do "pop art", de uma atitude crítica frente à realidade. Nem o cinismo nem o barroquismo, nem a subjetivação, nem a fantasia; simplesmente a engenhosa ou nada mais do que a desfaçatez da aplicação, na arte, das leis do industrial.

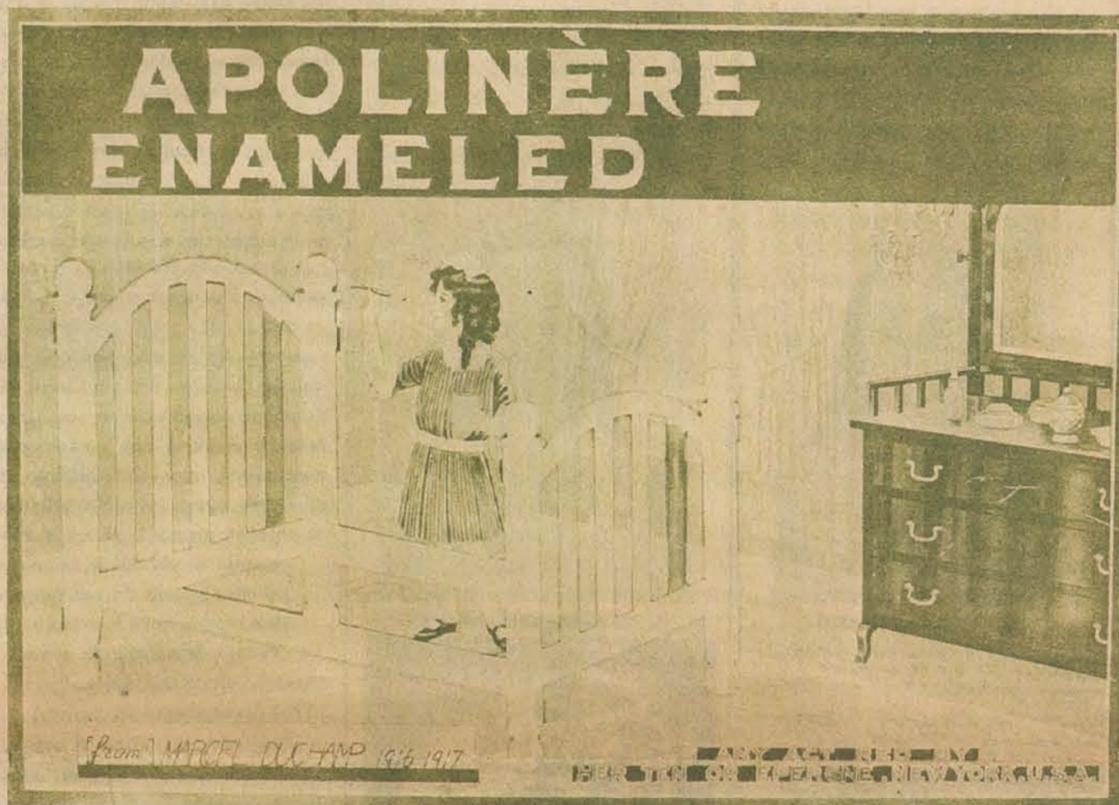
Há somente 10 anos essa sociedade glorificava a "impronta" individual na arte, "o feito à mão". Mas, de certo modo, a "action painting" encerrava outra conotação: a mecânica do gesto.

As duas únicas características da arte norte-americana desde esta tendência em diante foram o gráfico e o descaradamente óbvio. As

continua na Página 8

*Marcel Duchamp:*

# O ATO DE CRIAÇÃO



*Apolinaire Enameled 1916/1917*

Vamos considerar dois importantes fatores, os dois polos da criação na arte: o artista por um lado, e por outro o espectador que mais tarde se transformará em posteridade.

Aparentemente o artista procede como um ser médium e místico que do labirinto, além do espaço e do tempo, procura seu caminho para a claridade. Se damos os atributos de um médium para o artista, nós devemos negar-lhe o estado de consciência do plano estético, sobre o que está fazendo, ou porquê. Todas as suas decisões, na execução artística do trabalho, permanecem como pura intuição e não podem ser traduzidas pela auto-análise, faladas ou escritas, ou mesmo pensadas.

T. S. Eliot, em seu ensaio "Tradition and Individual Talent", escreveu: "Quanto mais perfeito, o artista, mais completamente separados estarão nêle, o homem que sofre e a mente que cria; mais perfeita será a absorção, pela mente, das paixões que são o seu material."

Milhões de artistas criam; só alguns mil são discutidos ou aceitos pelo espectador e muito poucos são consagrados pela posteridade.

Em última análise: o artista pode gritar à vontade, que ele é um gênio, contudo ele terá que esperar pelo veredicto do espectador para suas declarações tomarem um valor social e, finalmente, para a posteridade incluí-lo entre os escolhidos da História da Arte.

Eu sei que estas declarações não encontrarão aprovação em muitos artistas, que recusam este papel de médium-místico e insistem na validade de suas consciências no ato de criação, ainda que a História da Arte tenha comumente se decidido pelas virtudes de um trabalho, por razões completamente diferentes das racionalizações do artista.

Se o artista, como um ser humano, cheio de boas intenções em relação a si próprio e ao mundo, não tem nenhum papel no julgamento de sua própria obra, como se pode descrever o fenômeno da obra

de arte atuar sobre o espectador, fazendo-o reagir criticamente a ela? Em outras palavras: como essa reação surge? Este fenômeno é comparável a transferência do artista ao espectador; na forma de uma osmose estética, através da matéria inerte, como pigmento, o piano ou o mármore.

Antes de continuarmos, eu quero esclarecer como compreendemos a palavra "arte", sem no entanto tentar uma definição.

O que eu penso é que a arte pode ser má, boa, ou indiferente, mas qualquer que seja o adjetivo usado, nós devemos chamá-la de arte, e uma obra ruim continua sendo arte, assim como uma emoção desagradável é ainda uma emoção.

Portanto quando eu me referir a "coeficiente artístico" entenda-se que eu não dirijo somente a grande arte, mas estou tentando descrever o mecanismo subjetivo que produz a arte no estado primitivo — à l'etat brut — seja má, boa ou indiferente.

No ato de criação, o artista caminha da intenção à realização por um encadeamento de reações totalmente subjetivas.

Sua luta para a realização é uma série de esforços, dores, satisfações, recusas, decisões, que também podem e devem não ser totalmente conscientes, pelo menos no campo estético.

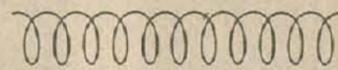
O resultado desta luta é a diferença da intenção e sua realização, diferença que o artista não tem conhecimento.

Consequentemente na cadeia de reações que acompanha o ato de criação, um elo é perdido. Esta perda representa a incapacidade do artista de expressar completamente suas intenções; esta diferença entre o que ele pensou e realizou é o "coeficiente artístico" pessoal contido no trabalho.

Em outras palavras, "o coeficiente artístico" pessoal é como uma relação matemática entre o que se teve a intenção mas não se expressou, e aquilo que se expressou se manutenção.

Para evitar um mal entendido, devemos lembrar que o "coeficiente artístico" é uma expressão pessoal de arte "à l'etat brut", ou seja, um estado primitivo que precisa ser "refinado", como o açúcar puro do melão, pelo espectador; a utilização deste coeficiente não tem, entretanto qualquer significado em relação a este veredicto. O ato de criação toma outro aspecto, quando o espectador experimenta o fenômeno da transmutação; pela mudança da matéria inerte para uma obra de arte, uma alteração de substância aconteceu, e o papel do espectador é determinar o valor do trabalho na escala estética.

O ato de criação não é, de forma completa, praticada pelo artista; o espectador traz o trabalho para o contacto com o mundo exterior, decifrando-o e interpretando seu interior, e assim somando sua contribuição para o ato de criação. Isto torna-se mais evidente quando a posteridade dá seu julgamento final, algumas vezes, inclusive, reabilitando artistas esquecidos.



*MARCEL DUCHAMP, artista francês, nascido na França em 1887, que trocou a Europa pela América, enquanto na Europa, fez parte dos movimentos DADA e SURREALISTA, inventor dos READY-MADE, dos OBJECT-DART e das APROPRIAÇÕES, é o correspondente na pintura da altitude inédita e inesplicável de Arthur Rimbaud na poesia, um belo dia «cessou de produzir arte», e dedicou-se ao jogo de xadrez e estudos metafísicos; tudo isto quando a Semana de Arte Moderna comemorava seu primeiro aniversário. Segundo Walter Hopps, seu trabalho atinge o público como, um insulto, e enfiou-se entre os grandes artistas deste século, sem a consciência de sua grandeza ou mesmo de ser um artista. Nenhum de seus contemporâneos produziu ou exibiu tão pouco para atingir tal estatura. Ele é «o mercante da verve» cujos trabalhos importantes são os mais polêmicos produzidos em nossa época.*

Notas de Sociedade

# OS ARTISTAS DE AMANHÃ

A Rex Gallery & Sons tem o prazer de apresentar para o público de São Paulo os artistas de amanhã. Isto não quer dizer que já não sejam hoje, bem entendido. Mas foi nossa intenção mostrá-los em grupo (os Sex Artistas, três mulheres e três homens) por pensar, que sua manifestação representa

uma novidade e uma modificação no sistema de ensino de arte em nosso meio. Este esforço se deve a dois artistas de São Paulo, Sergio Ferro e Flavio Imperio que conduziram os cursos que os jovens expositores frequentaram. A atitude liberal e construtiva permitiu uma série de pesquisas que devidamente estimuladas, mas

agora pelo público interessado, poderão em breve dar os frutos da tão esperada manifestação independente dos grandes centros, dita Arte Brasileira. A Rex Gallery & Sons se congratula com os orientadores desta manifestação e augura vitória aos jovens, na terrível batalha que ora principiam, a carreira do artista profissional.



Maria Diva Tadel

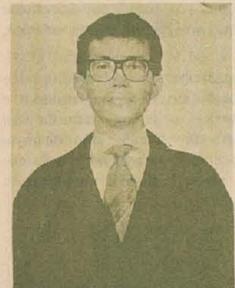


Iza Christiana Ribeiro



Maria do Carmo Gross

A arte de vanguarda está aí, intensa e clara, nem que se diga, mas o grande erro é achar que ela é só isso. Ela é tudo isso e mais. Ela é a vida, ela é a luta, ela é a busca, ela é a descoberta, ela é a criação, ela é a expressão, ela é a comunicação, ela é a participação, ela é a transformação, ela é a revolução, ela é a mudança, ela é a evolução, ela é a progressão, ela é a ascensão, ela é a elevação, ela é a exaltação, ela é a glorificação, ela é a santificação, ela é a divinização, ela é a eternização, ela é a immortalização, ela é a glorificação eterna, ela é a santificação eterna, ela é a divinização eterna, ela é a eternização eterna, ela é a immortalização eterna.



Mario N. Ishikawa



Marcello Nitsche



Yoshihiro Hashimoto



## ARTIGOS DE FUNDO

# (Dans les coulisses)

### NOS CORREDORES

No rebater das más línguas correm todos os tipos de boatos que os Rex vão desaparecer! A nossa redação resolve responder fortemente a essa gente, que não acredita nas possibilidades creativas de um grupo bem intencionado, se bem que, "mal de época" é fácil pensar nestas coisas. Vejamos: até os Beatles se separaram para vencer suas dificuldades econômicas. Mas não gosando da mesma fama e responsabilidade internacional, resistiremos a esta faina até quando pudermos; e acusamos as forças ocultas que de novo aparecem tão sorrateiramente a usurpar o que é de nosso direito. É de mal grado que levantamos a acusação, pois é força do mundo das artes estas atitudes vãs. Tomando consciência do que acabamos de escrever nos abtemos de nominá-los, mas são muitos. Se olharmos como Nova Objetividade os objetos, digamos, uma Caixa — "quanta inocência de intenção, quanta pureza de sentimentos, um mundo novo a cada minuto, tudo a descobrir, de novo." (Arkadin D'y Saint Amér, d'O Encantamento da Aurora) Mas não nos deixemos enganar, é só do cotidiano pueril, do traba-

lho, do fértil anonimato que a obra sublima, lentamente elaborada entre os ardis que o tempo delapida, se solidifica e constrói.

Incrédulo, você de desconfiança fortuita, atenção: no confortável florescer de seus sorrisos reside uma dor.

O Homem se encheu de conceitos abstratos e sem pudor buliu na divisão do tempo, estabeleceram-se correrias monstruosas, onde em curto fôlego atingiriam a maravilhosa do futuro, dois anos atrás.

Atravessando os tempos esta idéia continuista, solapa o princípio eterno "Della Sorgente Creatrice". O assustador Gratório resiste inerte, e num esgar propício aflora solitário e semovente. Sem nos determos nas profundezas do Ministério, esotérica manifestação, que arrasta vilmente a todos desgovernando as paixões de videntes, farteus, e agnósticos.

Jaz na praia, entre cascalhos, os remanescentes, do que foi a nau, o sussuro do vento confunde o lamento, e o vermelho que brota é apenas coral. Embaixo dos coqueirais, naquelas tardes fagueiras, atrás das borboletas azues, os rex releix.

## Bom mesmo é se Divertir

Enfadado em seu empoirado e lusco-fusco estúdio da sete de abril, o velho capitão das artes do planalto numa reviravolta sensacional abre fôgo, depois de retardado silêncio, de suas trincheiras super bem equipadas na forma de uma galeria e de nova revista: Mirante das Artes. Saudamos o nosso novo companheiro, juramos vigorosa concorrência e uma luta leal.

## DE PARTIDA

O Rex Roland Cabot, revisando a sua situação e crendo não haver outra solução, no próximo mês de maio segue para França com sua família e atelier para aí fixar residência. Farewell to an Old Rex.

Nota da Redação — O reporter do "Rex Time" entrevistou pessoalmente os jovens expositores na expectativa de obter dos mesmos o tradicional "statement" artístico de suas propostas. Recebemos as respostas inusitadas, mais visuais que escritas, que apresentamos aos nossos leitores. Esperamos que com estas respostas dos artistas, aparentemente paradoxais, mas no fundo coerentes com seus meios de comunicação, abram um caminho poético entre público e artista.

## DESLIGAMENTO



O artista Frederico

A Rex Gallery & Sons tem o desprazer de comunicar ao seu público, que um de seus associados acaba de se desligar do grupo. O artista Frederico Nasser, por motivos particulares, pediu sua exclusão dos quadros da Rex, com os quais não tem mais nenhuma obrigação, tendo se retirado para a vida privada.

## POÉTICA ZUM

Vamos, a um pequeno teste: Aquêles livros que a gente abre e os bonecos ficam de pé, em cima da folha, são Rex? Resposta: "o truque é Rex, os bonecos não são."

# OS LIMITES DA DENÚNCIA

Sergio Ferro, arquiteto, artista pintor, ensaísta e assistente da cadeira de História da Arte da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da U.S.P., propõe uma tese a guiza de apresentação de seus alunos.



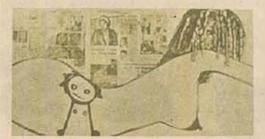
Marcello Nitsche

A pintura nova brasileira é manifestação clara do que hoje somos: colônia ianque. Expõe o complexo de atitudes contraditórias — atração e repulsão, denúncia e inveja, confusão que compõe as relações tensas entre o colonizador, seus representantes internos e o colonizado.



Yoshihiro Hashimoto

imitando o «dada», a «pop» deu novo impulso a uma série de recursos de linguagem básicos para uma pintura atuante e politizada. Exemplo: a técnica da desconstrução, procedimento essencial do «dada», que é a retirada de alguma coisa ou fato de seu contexto normal e sua colocação em outro diferente. Com esta técnica é possível evidenciar aspectos ou significações habitualmente desprezados ou não percebidos. A «pop» revigorou, também, a referência direta: as cores, as formas, os personagens, os símbolos da era da comunicação de massas interromperam a



Iza Christiana Ribeiro

abstinência abstrata e informal de imagens que já durava há anos, tornando-as altamente eficazes. E mais a fotografia, o objeto, a palavra, etc. Todos estes recursos, entretanto, serviram a intensões variáveis, menos à crítica que permitiam. A violência sabida, mas não reconhecida, foi inconscientemente acusada pela linguagem escolhida — gesto barrado. A temática abstrata, vazia, conformista não anula o conflito, escamoteia pela indiferença fingida.

No Brasil, a frustração generalizada a partir de 64, as restrições a qualquer ação livre e responsável, o irracionalismo mórbido que governa por procuração requereram alterações na pintura, como em tudo. Ora, a «pop», naquele momento, já era mercadoria internacional, a custa de muitos dólares, com a premiação de Rauschenberg em Veneza. Embora abafando o

que fazia renascer, o néo-dadaísmo «pop» sugeria a linguagem forte que a pintura brasileira procurava. Equipados com esta linguagem os novos pintores rapidamente se afastaram da produção anterior. Sua pintura crítica, procurando atuar pela formulação de alguns de nossos problemas, talvez importe mais por seu processo de formação do que por realizações particulares. E que oferece modelo sintético do desenvolvimento típico da nossa pintura (e, talvez, de nossa cultura): colônia sempre, apropriamo-nos das formas em uso nas várias metrópoles — o barroco português, o modernismo inglês e francês e, agora, a «mass culture» americana. Depois, por distorções e radicalizações, tentamos enxertar alguma coisa nossa nestas importações. E, mesmo assim, exprimimos o que somos, porque somos o que de nós conseguimos fazer dentro dos limites e padrões que as metrópoles impõem. Poderá vir dia diferente, mas ainda não veio. Nestas distorções e radicalizações, na seleção e nas resistências incluímos, então, o especificamente nosso. Assim, na pintura nova, a politização da temática, mais que na «pop»,



Maria do Carmo Gross

acompanha as possibilidades da linguagem. Fez, inclusive, reaparecer a caricatura, própria do «dada» e desprezada pela «pop». Própria de quem critica sob opressão, não cabe na má-fé. E dizer, e fazer entender, o que não se diz, e a «pop» não quer dizer o que, apesar dela mesma, diz. Aqui, a violência impede a denúncia da violência, lá, há que iludir a consciência da violência.

Por outro lado, opondo-se ao requinte de um Warhol ou de um Rosenquist, nossa pintura é «grossa». Sua técnica tem o subdesenvolvimento do país — e esta adaptação não é defeito ou carência mas posição. Já que não somos nós que fazemos nossa história e, quando fizermos, faremos com outra direção, não há porque eternizar, no objeto perfeito, uma situação que queremos mudar.

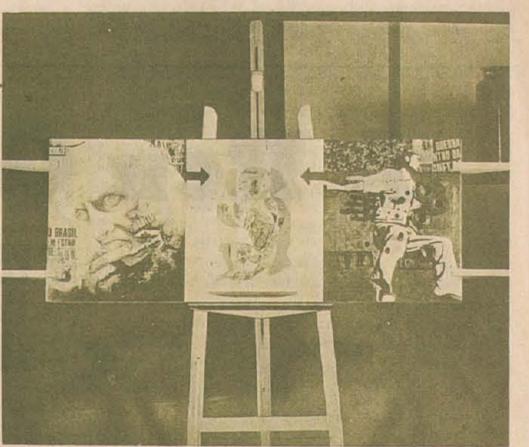
Não há dúvida: nossa história, são variações de uma sequência dada. Pintura, entretanto, é arma, fraca mas arma. A pintura nova, como arma, ensaia o movimento que haveremos de generalizar: a reversão, contra o opressor, dos mesmos meios que mantêm nossa opressão. Mas, devemos reconhecer alguns aspectos problemáticos da pin-

a manifestação inevitável da classe média. As acusações que faz são sempre políticas ou à militarização do país, nunca às estruturas econômicas do sistema. Um de seus alvos prediletos é



Maria Diva Tadel

a cultura de massas. Entretanto, os problemas que esta cultura apresenta são, entre nós, leves comparados aos estruturais. Ao encampar a plástica a pintura nova aceitou muito da temática. Mas não por descuido. E que, enfrentando estes problemas, ainda não nossos, não estaríamos,



Mario N. Ishikawa

tura nova brasileira. Em primeiro lugar, a coincidência de seu nascimento e o golpe. O golpe foi mais troca de senhores que mudança estrutural. A frágil burguesia nacional desapareceu substituída por outra, internacional. Ora, é neste momento que a pintura nova torna-se politizada. Não seria esta politização mais reflexo da frustração daquela burguesia e da pequena burguesia que contava vir a ser burguesia? Há elementos melodramáticos na nova pintura e o melodrama é

subrepticamente, querendo nos identificar à metrópole? Não podendo supor iguais as vantagens, aceitamos os mesmos dramas: em alguma coisa somos iguais. Finalmente, nossa pintura nova não sai dos limites da denúncia. É anti. É ser simplesmente anti é ser pouco modificadora — e se a denúncia é autêntica será modificadora. Ou será limitada. Admitamos: a denúncia da pintura nova é limitada. Porque é burguesa. Ou pequeno burguesa.

# REX TIME

Órgão Oficial da Rex Gallery & Sons, Fundado em 1966

## A PEQUENA CAPELA CIRCULAR

conto de Olivier Perroy

Até hoje não se sabe bem se a Pequena Capela Circular é pagã ou profundamente religiosa. Como originalmente era desprovida de altar visível, três Papas sucessivamente proibiram o culto naquêlo santuário. É verdade também que se tratava de três Papas mais versados em coisas da guerra do que em assuntos de Poesia mística.

Nem mesmo a construção de um dogmático altar foi capaz de tornar o santuário mais nitidamente religioso.

Todos os Papas que seguiram recomendaram que o templo ficasse fechado para o público já que o ambíguo simbolismo ali contido seria capaz de suscitar aos peregrinos dúvidas atrozias e até mesmo fatais.

Contrariamente ao que é de uso, os dados da vida do Arquitecto da Pequena Capela tornam ainda mais obscuro o significado do santuário. Sabe-se que a Pequena Capela é a sua única obra construída pois sua verdadeira profissão era outra.

O Arquitecto foi um homem de vida muito longa, talvez de vários séculos. Em tôdas as épocas foi um grande escritor. Escreveu grandes livros sáculos. Traduziu a Bíblia em doze idiomas diferentes. Colaborou com Homero na composição da Odissea. Várias passagens de Gil-

gamesh são de sua autoria, pois nos primeiros tempos especializou-se em epopéias. Mais tarde passou para a poesia tendo escrito poemas breves e cantos. Suas últimas e mais perfeitas obras literárias são contos para crianças e livros de educação dos quais é oriundo o «Tesouro da Juventude». Nunca assinou obra alguma sua. Um dia cessou repentinamente a sua longa carreira de escritor. A sua última obra escrita é uma carta em pergaminho redigida em francês, que pude ler na Biblioteca Sistina. O texto literal é o que segue:

«Pendant longtemps j'ai cherché la Vérité; Très jeune encore je l'ai trouvée; depuis lors je n'ai cessé d'essayer de la transmettre à d'autres, par écrit. Puisque aujourd'hui je suis sûr qu'Elle ne peut être écrite, je n'écrirai plus. Je batirai désormais des temples, car els espaces vides entre les pierres taillées conviennent peut-être mieux à contenir la Vérité.»

A Pequena Capela está a poucas centenas de metros da Biblioteca, porém é inútil tentar localizá-la pois não está indicada em nenhum mapa e não é visível do exterior.

Seguindo o primeiro guia por corredores em aclive cheguei às portas do mosteiro que esconde a Capela. Apresentei a permissão escrita em latim com lacres

dos cardeais e me deixaram entrar.

O segundo guia era um monge tão profundamente encapuçado que não lhe consegui ver o rosto. Atravessamos ainda algumas portas e demos num pátio mofado e mediocre. Ali no centro, sôbre um patamar de mármore branco de 6 degraus estava a minúscula Capela Circular, cercada por 26 colunas de ordem dórica. O dômico começava numa elegante balustrada barroca. No interior da colunada, três portas coroadas de capiteis triangulares em formas renascentistas se abriam para dentro da Capela. Os vários nichos entre as portas eram privados de esculturas. O exterior da Capela era elegante porém sem surpresas.

O interior da Capela Circular era de dimensões monumentais porém vagas.

Por sua abóboda translúcida passavam fragorosamente tôdas as nuvens do céu.

As decorações ao redor pareciam envelhecer rapidamente para se tornarem ruínas e deixar lugar a novos estilos que apareciam em seguida. Os rostos das esculturas se metamorfoseavam continuamente. A meia altura havia 5 afrescos gigantes cujos nomes eram: os Animais; as Plantas, e os Minerais; e os Homens Bons; os Homens Maus; as Formas Desco-

nhecidas. As figuras contidas em três dos painéis se moviam como se estivessem em vida. Era curioso notar que tanto no painel dos Homens Bons quanto no dos Homens Maus havia guerra constante e muitos homens mortos.

O monge-guia observou que naquelas paredes podia se ver o ritmo do relógio. Assim o que se passava ali era do futuro e não do presente.

O presente podia ser visto num espelho situado entre os afrescos.

O chão era desenhado de formas geométricas instáveis e que não permaneciam ali mais do que por segundos. Bem no centro havia um buraco que correspondia a um buraco idêntico no apogeu da abóboda e a outro no chão da cripta subterrânea. O monge falou mais uma vez: «Por aqui passa a Coluna Invisível, que é o eixo de tôdas as coisas. Se não houvesse a Coluna reinaria o caos. É também por aqui que Ele olha e que as vészes pode-se percebê-lo por instantes.

Veja, agora Ele está lá. Olhe para cima depressa.» «Olhei na direção do eixo e não vi nada. Só na segunda vez que olhei vi um grande olho azul que acreditei ser o d'Ele. Na sua pupila números coloridos se movimentavam aos solavancos como se fosse um caleidoscópio.

A única coisa imóvel em tôda a Capela era o painel dos Santos. O resto era movimento que parecia um verdadeiro turbilhão. Passado o primeiro encantamento senti náuseas. Meus membros ficaram pesados. Queria fugir dali mas não consegui mover-me. Quando retomei o conhecimento, já estava na cripta, no sub-solo. O monge ainda me acompanhava, mas agora em silêncio. Mais tarde entendi que lá era o mundo privado de sons e movimentos. Era tudo intensamente branco. Minhas mãos também eram como pintadas de branco. Ali não sentia mais distinção entre meu corpo e o que havia fora d'ele. Era só um Bem estar que senti como eterno. Não havia mais tempo em movimento. Não havia mais chão nem teto. Era tudo aberto. E eu já estava fora da Pequena Capela Circular, quando o monge explicou:

«Como o senhor pode ter percebido, as duas partes da Pequena Capela não possuem nenhuma característica arquitetônica notória, a não ser a propriedade de fazer sonhar. Nada do que o senhor viu e sentiu está na Capela em si. O verdadeiro mérito do Arquitecto está em ter erigido uma capela votiva ao Sonho, porque percebeu que a Verdade só pode ser tocada em sonho ou talvez que Ela seja o próprio Sonho.»

## A Rex Gallery & Sons

apresentará a seguir

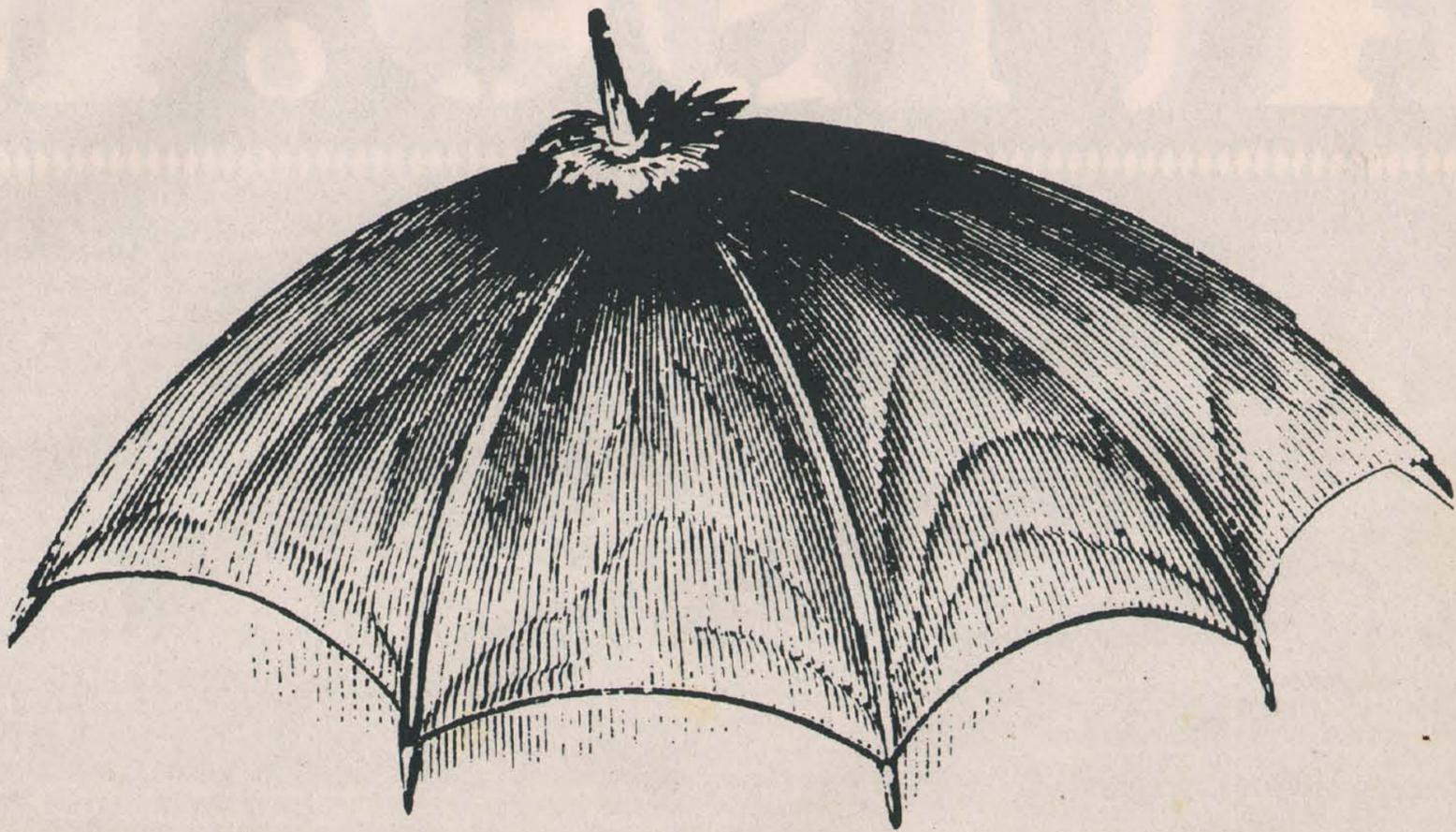
«-21 de abril de 1967-»

## NELSON LEIRNER

com a sua individual

## NÃO EXPOSIÇÃO

Um "happening" não explica o que acontecerá!



Tudo no campo (antiquíssimo) da Pintura não corre bem. A Pintura vai se desfazendo em pedaços, continuando a corrida suicida que começou com o Cubismo. Dequi a pouco não teremos mais telas pintadas para paredes. Os muros parecem reclamar seu próprio destino de virar muros mesmo e não habitáculos de figuras e — pior — de tachismos jogados lá. Já os arquitetos da década '30, na Europa, sem falar do terror de F. L. Wright contra o penduramento de quadros, denunciaram o fato. Chamavam a arquitetura dos interiores nús: hospitalar. Foi neste tempo que nos sugerimos de dotar a casa duma sala «para ver pintura, e arte em geral»: estantes, cavaletes, lâmpadas, etc. (De toda parte chegavam os avisos que a Pintura ia morrer. Precisamos salvá-lo; ou melhor, dar a ela o seu lugar, reservado e discreto).

Mas, agora (com os decênios que passam rápidos como os segundos) a Pintura sempre mais ameaçada sofre suas penas agônicas.

[[Poderia ser que tudo mude amanhã mesmo: um nobre Morandi indicar peremptoriamente o retorno a uma arte composta de poucas notas, mas tão harmoniosas, a ponto de transformar o pessoal como no conto de Andersen e levá-lo todo atrás de sua trombeta]].

Chove; abriremos o guarda-chuva. Não vamos chorar no Salão dos Acadêmicos ou dos Modernos; encaramos as coisas avec esprit.

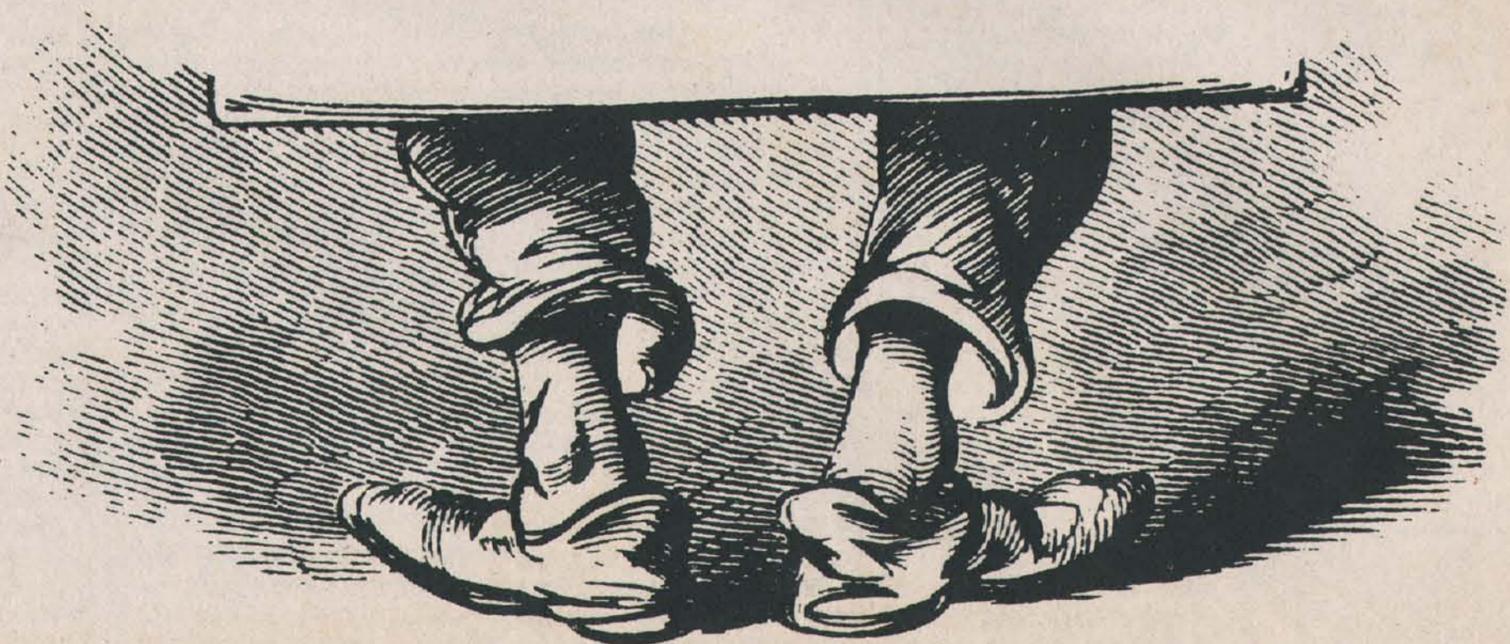
Deixamos que a era recubra os monumentos, e acolhemos os Furiosos que debelam a Pintura propriamente dita (que — entre nós — não vai morrer (só: está passando mal)).

Entre os meus jovens amigos furiosos, a um quero particularmente bem: Nelson Leirner, espécie de «caputnagister» da onda dos Agitados. Começou (mocinho) surrealista, por idiotismos para com o realismo; passou à Nova Figuração com frestas trônicas. A argúcia é seu forte: um caricatural bonário, o exercício duma crítica de costume sem acidez, até um otimismo que parece contrastante com a necessidade do pessimismo que de todo lado nos oprime. Nelson nesta exposição-não-exposição, teve a máxima ideia até hoje manifestada por um artista (de Pintura é difícil falar: agora não de cena os Objetos): ele dará as suas peças aos que farão um sacrifício para merecê-las.

Complicado explicar—: o aprendiz açougueiro ou o carteiro poderão receber uma peça se conseguirem retirá-la, atravessando certas trincheiras que a separam da presa. Como se verá no happening, pois a exposição-não é conjugada a um happening.

Chove? Abriremos os guarda-chuvas. O conselho vem de alguém que sabe alguma coisa da Pintura, e abre o guarda-chuva em honra à mocidade que tenta os novos caminhos.

P. M. BARDI



# AVISO: REX KAAPUT



Rex est lex. Rex re-lex. Rex codex. Rex relax. Aqui jaz o Rex. Quem era o Rex? Era um personagem que emprestava seu soprô de vida a oito artistas. O Rex era uma espécie de bonecão de plástico com oito bicos nos quais os Rex-rapazes sopraram continuamente até perder o fôlego. Levaram um ano para perder o fôlego. O problema é que o Rex estava sempre vasando. Esperava-se que depois de algum tempo outros viessem também soprar no Rex, ou que o mesmo adquirisse vida própria, isto porém não aconteceu. O Rex tinha alma. Uma alma remendada de pedaços vindos de todas as partes dos desertos e das florestas da Amazonia. Rex tinha um voz grossa, muito grossa e dizia coisas inesperadas; aliás seu papel era mesmo este: dizer coisas inéditas, criticar impiedosamente quem por ventura tivesse má fé e dar coragem aos jovens.

O Rex parecia muito brincalhão, tinha grande senso de humor que ofendeu a muitos. Poucos sabem que o Rex era um dos entes mais sérios que a mitologia da arte tem criado. Era lúcido, fiel, corajoso, capaz de uma amizade indestrutível. Não pôde ser mais perseverante por falta de meios próprios para viver, coitado.

Dizem que tinha mania de chamar atenção, mas poucos foram os que procuraram saber para que o Rex queria esta atenção.

Apesar de sua corpulência o Rex era forte e ágil, se vestia moderno, quase sempre com gravatas de cor. Rex tinha bons dentes. Costumava se olhar sempre no espelho, pois tinha medo de estar envelhecendo.



Um dia me pareceu ter visto o Rex se mover sem a ajuda de seus criadores. Se dirigi a mim e disse com aquela voz: "Eu vou-me embora. Cansei de ficar aqui onde ninguém entende o que eu quero. São Paulo é um deserto." Ele estava quase chorando quando quando disse aquilo. Virou-se e foi andando devagar pelo deserto. Eu o via se esvaziar lentamente. Antes de chegar ao horizonte ficou estendido pelo chão completamente vazio. Não sei se sonhei isto ou se foi uma visão causada pelo espanto de ver o Rex desaparecer.



Para melhor compreensão da posição quase pioneira e mui independente do movimento Rex nas perspectivas históricas do Brasil, daremos abaixo uma lista das principais personalidades que condicionaram as mais importantes reviravoltas culturais do país. Evidentemente a opinião pública sempre foi lenta em seus movimentos, ainda não alcançou a importância dos acontecimentos (chamados mais tarde de happening pelos norte-americanos) criados a tão duras penas pelas citadas personalidades. Mas como temos confiança no Brasil e em seu povo, ficamos esperando a data em que tudo ficará mais claro para todos.

Os acontecimentos são, por ordem cronológica:

- 1.º Caramuru (Boom)
- 2.º Bispo Sardinha (Nhâm-Nhâm)
- 3.º D. Pedro 1.º (Independência ou Morte)
- 4.º e 5.º Flavio de Carvalho (Claraboia da cosinha da Leitaria Campo Bello, e a Travessia do Viaduto do Chá).

Os Realistas Mágicos, encabeçados por Wesley Duke Lee realizaram dia 21 de outubro de 1961 o 6.º acontecimento que pode ser considerado o primeiro happening do Brasil, no João Sebastião Bar. Consistiu numa exposição das fitas de Wesley na escuridão daquele bar, por terem sido rejeitadas em galerias de arte da época, sendo consideradas obscenidades e portanto atentado ao



pudor. Houve um monumental e memorável show que contou com a presença dos Realistas: Wesley, Lenita e Olivier. Otto Stupakoff, Capitão Fantasma, Maria Cecilia Gismondi, Egegnio Hirsch e Babalú, Lydia, Ponona e Cachorro, e o corpo de Bombeiros de São Paulo que participou valorosamente, tentando impedir a realização do Show.

A repercussão deste acontecimento foi ampla. Enquanto os críticos fenecidos e os anti-queidos membros da "Geração Sombria" levantavam suas enferrujadas adagas gritando: "Oh, le scandale!" os jovens saíram das sombras de pincel em punho para revelar segredos estéticos que até aquela hora haviam reprimido por medo dos senhores donos da verdade, e dos sizudos guardiões da "Estética Imovel".

Alguns jovens declararam "en passant" "Arte também se faz brincando..." e os senhores da Geração Sombria tendo mal entendido aquela manifestação jovem do João Sebastião disseram: "Trata-se de uma grande brincadeira de moleques." Se pelo menos tivessem olhado com um pouco de atenção o livro de fotos do Picasso, talvez tivessem evitado opinião tão leviana. A História que é inexorável os julgará por isto, e lembrará que a partir daquele dia, a Estética no Brasil começou a mover-se, após uma triste hibernação de anos.

Quantos jovens não começaram então a confeccionar suas próprias imagens cheias de surpresas para o olho atento do público?

"Em Setembro de 64, a Atrium apresentou uma exposição de Wesley com trabalhos novidosos que seriam a vanguarda da época. A Atrium demonstrava assim que galerias inteligentes podiam já se desligar da estética superada da "Geração Sombria" para apresentar, sem riscos maiores, novos valores da pintura, preenchendo assim o seu papel de informadores culturais. Mais uma vez os jovens aplaudiram enquanto os mais velhos reagiram: estavam como sempre

ocupados em defender indignados suas origens culturais, suas convicções estéticas ao invés assimilar ideias inesperadas dos jovens. E que muitas vezes, ideias novas julgadas por padrões estabelecidos podem parecer esdrúxulas e então



qual o dono-da-verdade estabelecida arriscaria sua posição em confortáveis chinelas de pelúcia por uma ideia ainda não confirmada pela voz da maioria. E preferível ficar superado pois o time dos superados é maior e para quem gosta de segurança é sempre bom ficar com a maioria.

Na mesma época da exposição de Wesley na Atrium, Geraldo de Barros e Nelson Leirner jogaram para cima ou para traz suas antigas convicções estéticas para se unirem numa corajosa pesquisa de arte nova que resultaria numa original exposição no ano seguinte na mesma Galeria Atrium.

Ainda em 1964 Nasser, Fajardo, Resende, Baravelli, Aicito que movidos pelos acontecimentos auspiciosos dos dois anos precedentes, já confeccionavam suas imagens próprias, se dirigiram em grupo para o atelier de Wesley onde praticaram com regularidade um trabalho de aprendizado experimental. Não havia então locais onde um artista em formação pudesse buscar uma orientação atualizada como existe hoje no curso dado por Flavio Imperio e Sergio Ferro na FAAP. Existiam somente cursos de formação artesanal e técnica onde muitas vezes o "clan" criativo do jovem ficava definitivamente inibido.

políticas, violando o direito do artista. Em consequência deste incidente os mesmos artistas começaram a se reunir para articular a formação de um movimento que visaria a defesa dos interesses comuns. Participaram destas reuniões Geraldo de Barros, Nelson Leirner, Wesley, Fajardo, Nasser, Resende, Vlavianos, Tereza Nazar e Thomaz Souto Corrêa. Assim nasceu o grupo Rex, foi instituída a Rex Gallery e passou a circular regularmente o Rex Time, órgão informativo do movimento. Por não concordarem com as propostas do grupo Rex (vide Rex Time n.º 1 — artigo de Thomaz Souto Corrêa intitulado "Aviso: é a Guerra") retiraram-se do grupo, Vlavianos e T. Nazar.



Em junho de 1966 o grupo Rex inicia as suas atividades públicas com a inauguração da Rex Gallery, evento que foi hon-

Como se vê, por estas bandas até tamanho pode ser base de critério de seleção e triagem. O critério de qualidade intrínseca e via de regra o que menos conta. O que Resende apresentava era o resultado do trabalho experimental com Wesley.

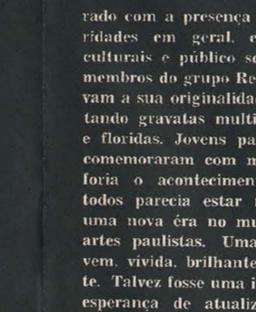
Neste mesmo ano foi a exposição de Geraldo de Barros e Nelson Leirner na Atrium. Nelson vendeu um único trabalho para o Sr. Geraldo Loeb que o devolveu depois de trinta dias dizendo que não se adaptava as paredes de seu lar. Desde então corre o boato de que os trabalhos de Nelson não são bons para o Lar. A exposição de Geraldo de Barros e Nelson Leirner causou impacto entre os jovens. Mais uma vez jovens aplaudiram enquanto os mais velhos reagiram etc, etc.

Nelson Leirner, Geraldo de Barros e Wesley se retiraram em sinal de protesto da "Exposição Propostas 65" por considerarem intrínseca a ética, a reafirmação de um quadro de Decio Bar pelo sr. Roberto Pinto de Souza, diretor da FAAP, acompanhado de ameaça contra o artista. A época era da revolução, e o dito Diretor confundiu premissas artísticas com



políticas, violando o direito do artista. Em consequência deste incidente os mesmos artistas começaram a se reunir para articular a formação de um movimento que visaria a defesa dos interesses comuns. Participaram destas reuniões Geraldo de Barros, Nelson Leirner, Wesley, Fajardo, Nasser, Resende, Vlavianos, Tereza Nazar e Thomaz Souto Corrêa. Assim nasceu o grupo Rex, foi instituída a Rex Gallery e passou a circular regularmente o Rex Time, órgão informativo do movimento. Por não concordarem com as propostas do grupo Rex (vide Rex Time n.º 1 — artigo de Thomaz Souto Corrêa intitulado "Aviso: é a Guerra") retiraram-se do grupo, Vlavianos e T. Nazar.

Em junho de 1966 o grupo Rex inicia as suas atividades públicas com a inauguração da Rex Gallery, evento que foi hon-



público jovem de São Paulo pensar assim. Evidentemente os senhores da "Geração Sombria" disfarçados de agentes funerários, rogando praga a distância, mais uma vez mal-entendendo do que se tratava, tomavam o movimento por uma vasta brincadeira. Como consequência os membros do grupo Rex foram classificados no grande e Implacável Catálogo dos "donos-da-verdade-imovel" como "Rex-rapazes gozadores perniciosos." Aqueles que se servem sempre do Implacável Catálogo como seu guia no mundo das artes, inevitavelmente não procuraram mais entender o que os Rex realmente pretendiam. Assim, para uma vasta área de público, a tentativa de comunicação que era a proposta dos Rex fa-



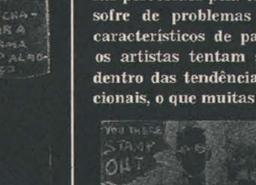
lhava logo ao nascer. O recuo histórico de apenas um ano deixa este fato bem claro. A inauguração da Rex Gallery seguiu-se um intenso programa cultural que pretendia tornar as pesquisas individuais de certos artistas mais compreensíveis para o público interessado. Para este fim o crítico Mario Schemberg foi convidado a fazer conferências sobre a situação da arte de vanguarda no Brasil, esclarecendo sobre o

desenvolvimento das tendências contemporâneas de arte em nosso país e exterior.



Mais tarde apresentou-se em duas ocasiões filmes experimentais produzidos por Thomaz Farkas, visando familiarizar visualmente o público com tendências paralelas do cinema brasileiro. Nesta época iniciaram-se inúmeros contatos, especificamente com jovens universitários, quando se discutiu as tendências expressas pelo grupo Rex.

Houve também a exposição Flash-Back que tinha a intenção de exprimir as origens individuais dos artistas pertencentes ao grupo. Poucos foram os que alcançaram o significado desta exposição. Ali estavam uma quantidade de obras dispartadas que demonstravam perfeitamente uma posição comum a quase todos os artistas. A falta de informação no período de formação determinando uma valorização excessiva das poucas informações chegadas ou monopolizadas pelos meios de divulgação. Isto aconteceu nos países subdesenvolvidos principalmente, e vai inibindo os delicados achados individuais de artistas que no período de formação são declarados com grande timidez. Ao sentir que seus achados localinos não são percebidos pela crítica (que sofre de problemas similares, característicos de países sub-) os artistas tentam se colocar dentro das tendências internacionais, o que muitas vezes con-

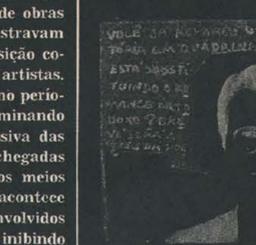


seguem com grande desenvoltura, chegando a transcender os limites locais sem que mesmo a crítica local tenha percebido o que aconteceu. Daí en- tão o maior sucesso de alguns de nossos artistas com a crítica de fora do que dentro de nosso

país. (santo de casa...)

Logo mais os Rex prestando uma homenagem às nossas bases culturais ainda não homologadas e tentando estabelecer uma ligação entre os primeiros movimentos de vanguarda e o Rex, convidam Flávio de Carvalho para conferências sobre um tema de sua escolha. Flávio falou sobre a dialética da moda, tema ainda virgem mesmo nos centros da moda mundial. Para os pouco informados, Flávio de Carvalho é apenas um ecêntrico; para outros que tentam estar mais atualizados, Flávio é o mais característico expoente da vanguarda da arte do Brasil. (Nota da redação: é uma pena que Flávio de Carvalho tenha nascido no Brasil; isto causou um atraso de pelo menos cem anos na compreensão da obra deste artista.)

Em seguida foi realizada a exposição "Descoberta da América", na qual procurou-se ligar as tendências do grupo Rex com os movimentos contemporâneos. O título deixava inequívoco a origem destes movimentos. Ao mesmo tempo foram exibidos três vezes fil-



mes culturais - documentários nos quais se destacavam perfis e o trabalho de artistas como: Jim Dine, Lichtenstein, Warhol, Newman, Noland, Stella, Poonis. Foi também ampliado o alcance de atividades do grupo Rex com a admissão de Olivier Perroy de São Paulo e Roland Cabot do Rio de Janeiro, para o grupo.

Continuando com a política cultural estabelecida, foi iniciado o ano de 1967 com uma exposição especial do grupo de alunos da F.A.A.P. que refletiam em suas primeiras obras, objetivos comuns aos do grupo Rex. Deviam seguir-se no ano de 1967 uma série de exposições individuais de artistas convidados pelo grupo Rex entre os quais: Samuel Spiegel, Luiz Paulo Baravelli, Flávio Império, e também outros membros do grupo Rex: Wesley, Cabot, Resende, Fajardo, Nelson Leirner. Este amplo programa fica interrompido devido a súbita dissolução do

grupo Rex. Os motivos declarados da interrupção de atividades do grupo Rex ficam sendo o seguinte:

1.º — Dificuldades financeiras como demonstra o balanço anexo.

BALANÇO DE UM ANO DE TRABALHO 1966-1967	
ENTRADAS	
Comissões auferidas pela venda de trabalhos (30%)	253,00
DESPESAS	
Comissões com ordenados	757,50
Comissões com exposições	3.469,80
Diversas	303,84
Comissões com conferências	402,35
Total das despesas	5.933,59
Total das receitas	253,00
PREFUIZOS	5.680,59

2.º — Escassez de público provavelmente por causa da insuficiente cobertura dos meios de divulgação especializados durante as várias manifestações.

3.º — Situação financeira anormal que atravessa o país, que reduziu a níveis ínfimos as compras de obras de arte.

Lembramos aqui que a crítica especializada se limitou a publicar um pequeno artigo em que analisava os inúmeros trabalhos expostos pelo grupo interpretando os mesmos "como brincadeiras". Houve também um crítico que tentou se justificar aos Srs. Geraldo de Barros e Nelson Leirner pelo fato de não escrever mais sobre as exposições do grupo, disse que era em virtude da galeria se localizar "longe do centro e por só ter duas horas por semana para visitar exposições em São Paulo, pois que residindo e trabalhando em Santos, na Tribuna daquela cidade não dispunha de mais tempo para suas críticas."

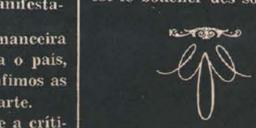
Vimos também o Sr. Arnaldo Pedrosa Horta se limitar a apenas uma citação das atividades do grupo Rex, esquivando-se de uma análise mais profunda dos méritos positivos ou negativos dos trabalhos apresentados, e também considerando "como divertimento as exposições" dos "alegres rapazes do Rex."

José Geraldo Vieira, da Folha de São Paulo, falou na sua missão jornalística de informação ao demonstrar uma total ignorância das atividades Rex.



Assim, oriundos de incidentes individuais e profícuos como frustrações, incompreensões e esperanças, artistas diversos, convergindo de estradas diversas deram um show. A plateia ficou silenciosa — não riu nem aplaudiu (salvo uma minoria de jovens). Então os artistas se vão em silêncio, cada qual para seu lado. O que será que aconteceu? Será que os artistas falharam? Ou é o público que é indiferente ou impermeável por deficiência hereditária? É cedo para concluir. O único fato concreto que fica óbvio: é a vala que há entre as intenções dos artistas e o que o público percebe destas intenções.

Para finalizar dois ditos (pouco populares): "Depois do dilúvio, a lama", "Le serieux est le bouclier des sôts."



Em nome de seus editores o Rex Time apresenta publicamente os seus agradecimentos às seguintes personalidades, que desinteressadamente deram apoio aos Rex; favorecendo portanto o enriquecimento cultural de nossa paulicéia: Cotrim (fundador do João Sebastião Bar)

Clovis Graciano e Emi Bonfim (fundadores da Galeria Atrium)

Vitor Gandelmann (provedor da Galeria Sete)

P. M. Bardi (criador, redator, editor, paginador, patrocinador, historiador, repórter, desenhista, mentor do Mirante das Artes)

na imprensa: Marshner do Estado de São Paulo

Claudio Abramo e Moacyr Costa Correa das Folhas Quirino da Silva dos Diários. Tereza Montero, Mino Carta do Jornal da Tarde. Mariza Alves de Lima do Cruzeiro.

os cronistas: Marcelino de Carvalho Alik Kostakis Maria Aparecida Saad. Agradecemos também, pelo apoio material recebido: J. O. J. Litográfica e Gráfica Printers pela impressão gratuita dos Rex Time n.º 1 e n.º 2. HOBJETO - Bioni Cia. Ltda. pela cessão e manutenção gratuita do espaço utilizado pela Galeria Rex até o presente momento. LANOVEL, pelas gravatas floridas.

# REX TIME

Órgão Oficial da Rex Gallery & Sons, Fundado em 1966

## NELSON LEIRNER, pede passagem.

